

Grande demais para falhar: a Geração *Millennial* nas margens¹

Anita M. Sands

ETS – Educational Testing Service.

Madeline Goodman

ETS – Educational Testing Service.

Resumo

Em *Grande demais para falhar: A Geração Millennial nas margens*, as autoras abordam a questão de como as competências se encontram distribuídas no seio da Geração *Millennial*, concentrando-se na dimensão e características demográficas dos *millennials* dos Estados Unidos da América que apresentam baixas competências de literacia e numeracia, bem como no impacto nas relações sociais e resultados económicos dessas baixas competências. Fazem-no, em parte, examinando a questão dos “jovens desconectados”, um termo normalmente aplicado às pessoas com idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos que não estão empregadas nem envolvidas em educação ou formação formal. Desde a Grande Recessão de 2008, a investigação neste âmbito tem-se preocupado cada vez mais com estes “jovens desconectados”, que, de acordo com algumas estimativas, representam aproximadamente 6 milhões de jovens adultos nos EUA. O foco destas pesquisas tem incidido sobre o seu nível educacional e a participação no mercado de trabalho. Embora útil, esta abordagem é limitada, em dois sentidos. Em primeiro lugar, centra-se apenas nos adultos mais jovens, numa época em que a transição para a idade adulta é mais prolongada. Em segundo lugar, baseia-se na premissa de que o emprego e/ou mais educação são impulsionadores garantidos de entrada na classe média e de melhoria dos resultados de vida. As autoras questionam se esta suposição é apropriada às circunstâncias atuais e sugerem que olhar para os jovens adultos apenas em termos de ligações ao mercado de trabalho ou à educação formal pode subestimar a dimensão dos desafios que enfrentamos e distorcer a nossa compreensão das políticas necessárias para alterar o rumo atual. Palavras-chave: Geração *Millennial*; Competências; PIAAC.

Too Big to Fail: Millennials on the Margins

Abstract

¹Copyright © 2017 e 2023, ETS – www.ets.org. Artigo traduzido do inglês por Bruno Peixe Dias e revisto por João Queirós. O artigo “Grande demais para falhar: A Geração *Millennial* nas margens [*Too Big to Fail: Millennials on the Margins*]” é publicado com permissão da ETS, detentora dos direitos sobre o original. A tradução do artigo beneficiou do apoio financeiro do inED – Centro de Investigação e Inovação em Educação. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* agradece à ETS e às autoras a autorização de publicação da versão em língua portuguesa deste trabalho.

In *Too Big to Fail: Millennials on the Margins*, the authors return to the question of how skills are distributed across the millennial population, focusing on the size and demographic characteristics of U.S. millennials with low literacy and numeracy skills, and the resulting impact on social and economic outcomes. They do this in part by examining the issue of “disconnected youth”, a term typically applied to those ages 16-24 who are not employed or engaged in formal education or training. Since the Great Recession of 2008, researchers have become increasingly concerned with these disconnected youth who, according to some estimates, represent approximately 6 million young adults in the United States. The focus of this research has been on their educational attainment and labor market participation. While helpful, this approach is limited in two ways. First, it focuses on only our youngest adults at a time when the transition to adulthood is more prolonged. Second, it is based on the premise that employment and/or more education are assured catalysts for entry into the middle class and improving life outcomes. The authors question whether this assumption is appropriate to current circumstances; they suggest that looking at young adults only in terms of ties to the labor market or formal education may underestimate the scope of the challenges that we face and may skew our understanding of the policies needed to alter our course.

Keywords: Millennials; Skills; PIAAC.

Trop grand pour échouer: les Millennials en marge

Résumé

Dans *Trop grand pour échouer : les Millennials en marge*, les auteurs abordent la question de la répartition des compétences au sein de la génération *Millennial*, en se concentrant sur la taille et les caractéristiques démographiques des *millennials* aux États-Unis d'Amérique qui ont un faible niveau de compétences de littératie et de numératie, ainsi qu'aux impacts de ces faibles compétences sur les relations sociales et les résultats économiques. Elles le font, en partie, en examinant la question des « jeunes déconnectés », un terme généralement appliqué aux personnes âgées de 16 à 24 ans qui ne sont pas employées ou ne participent pas en éducation ou en formation formelle. Depuis la Grande Récession de 2008, les recherches dans ce domaine s'intéressent de plus en plus à ces « jeunes déconnectés », qui, selon certaines estimations, représentent environ 6 millions de jeunes adultes aux États-Unis. Ces recherches se sont concentrées sur leur niveau d'éducation et leur participation au marché du travail. Bien qu'utile, cette approche est limitée de deux manières. Premièrement, elle se concentre uniquement sur les jeunes adultes, à une époque où la transition vers l'âge adulte est plus longue. Deuxièmement, elle repose sur le principe selon lequel l'emploi et/ou plus éducation sont des facteurs garantis d'entrée dans la classe moyenne et d'amélioration des résultats de vie. Les auteurs se demandent si cette hypothèse est appropriée dans les circonstances actuelles et suggèrent que considérer les jeunes adultes uniquement en termes de liens avec le marché du travail ou l'éducation formelle pourrait sous-estimer l'ampleur des défis auxquels nous sommes confrontés et fausser notre compréhension des politiques nécessaires pour changer la direction actuelle.

Mots clés : *Millennials* ; Compétences ; PIAAC.

Demasiado grande para fallar: la Generación Millennial en los márgenes

Resumen

En *Demasiado grande para fallar: La Generación Millennial en los márgenes*, las autoras abordan la cuestión de cómo se distribuyen las competencias de la población *Millennial*, centrándose en el tamaño y las características demográficas de los *millennials* en los Estados Unidos de América que tienen bajas competencias de comprensión lectora y matemática, así como en el impacto en las relaciones sociales y los resultados económicos de estas bajas competencias. Lo hacen, en parte, examinando la cuestión de los “jóvenes desconectados”, un término que normalmente se aplica a personas de entre 16 y 24 años que no están empleadas ni participan en educación o capacitación formal. Desde la Gran Recesión de 2008, la investigación en este campo se ha centrado cada vez más en estos “jóvenes desconectados”, que, según algunas estimaciones, representan aproximadamente 6 millones de adultos jóvenes en Estados Unidos. El foco de estas investigaciones ha estado en su nivel

SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), “Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.”, *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175

educativo y participación en el mercado laboral. Aunque útil, este enfoque tiene dos limitaciones. En primer lugar, se centra únicamente en los adultos más jóvenes, en un momento en que la transición a la edad adulta es más larga. En segundo lugar, se basa en la premisa de que el empleo y/o más educación superior son factores garantizados para el ingreso a la clase media y mejores resultados en la vida. Las autoras cuestionan si esta suposición es apropiada en las circunstancias actuales y sugieren que mirar a los adultos jóvenes sólo en términos de conexiones con el mercado laboral o la educación formal puede subestimar la escala de los desafíos que enfrentamos y distorsionar nuestra comprensión de las políticas necesarias para cambiar la dirección actual.

Palabras-clave: Generación *Millennial*; Competencias; PIAAC.

É o povo como um todo que tem de se encarregar da educação de todo o povo, e estar disposto a suportar essa despesa.

– John Adams, 1785

Acreditamos que este país não será um bom lugar para qualquer um de nós viver permanentemente se não fizermos dele um lugar razoavelmente bom para todos vivermos nele — [Todos] nós pagaremos no futuro se não formos justos com todos no presente.

– Theodore Roosevelt, 1912

1. Introdução

Definida em termos gerais, a educação é um processo de “partilha ou aquisição de conhecimento geral, desenvolvendo as capacidades de raciocínio e juízo e, em termos gerais, de preparação intelectual de si próprio e dos outros para uma vida madura”.² Educar todo um povo, dentro e fora de ambientes institucionais formais, acaba por beneficiar esse povo como um todo, como sugere John Adams. Se isto se verificasse hoje na América, não haveria necessidade de discutir o tópico. Mas não é isto que se verifica. Dezenas de milhões de jovens adultos – pertencentes à geração dita *millennial* – não estão devidamente equipados, em termos do seu nível de capital humano, para serem bem-sucedidos no mundo de hoje. Este facto tem implicações não apenas para estas pessoas, com idades compreendidas entre os 16 e os 34 anos, mas para a sociedade como um todo.

² Ver *Dictionary.com*, s.v. “education”, <http://www.dictionary.com/browse/education?s=t>, e *Study Lectures Notes*, <http://www.studylecturenotes.com/foundation-of-education/etymological-meaning-of-education>; ver também *Annual Report of the Board of Education*, Vol. 38, 1873-1874, <https://books.google.com/books?id=E5AXAAAAYAAJ&pg=PA202&lpg=PA202&dq=education+etymology+mature+life&source=bl&ots=OKAJKBySgv&sig=75Q0ceJPNq-SSwN11DPf9JNbWEw&hl=en&sa=X&ved=0ahUKEwiYmviEoLbTAhXD6iYKHfvXAvYQ6AEIQjAF#v=onepage&q=education%20etymology%20mature%20life&f=false>.

Muitos *millennials* estão a entrar para o mercado de trabalho, a prosseguir a sua educação, a ter filhos e a estabelecer as suas próprias unidades familiares – muitas vezes pela primeira vez. Mas, quando observamos mais de perto aqueles que estão no caminho para a idade adulta, uma imagem mais complexa emerge. Tal como documentado em investigação disponível sobre o tema, um número preocupante dos mais jovens deste grupo estão “desconectados” [*disconnected*], um termo habitualmente usado para descrever aquelas pessoas que têm entre 16 e 24 anos de idade e que não estão empregadas nem a estudar formalmente.³ Hoje, nos Estados Unidos da América, de acordo com algumas estimativas, cerca de 6 milhões de pessoas naquele escalão etário integram esta categoria dos “desconectados”.⁴ Neste artigo, defendemos que a “desconexão”, definida apenas por relação com o facto de se estar empregado ou inscrito numa instituição educativa, subestima os obstáculos futuros. Se alargarmos a definição de desconexão de modo a incluir os níveis de competência (ou capital humano) da nossa geração *millennial*, o problema torna-se demasiado grande para ser ignorado. Cerca de metade dos *millennials* na América, ou seja, perto de 36 milhões de pessoas, de um total estimado de 77 milhões de indivíduos nesta categoria, estão a transitar para a vida adulta com baixas competências de literacia.⁵ Mais de metade – 46 milhões – estão a fazê-lo com baixas competências de numeracia.

O problema do baixo nível de competências – especialmente na geração dos que serão os pais, trabalhadores e cidadãos nas próximas décadas – irá afetar-nos a todos. O capital humano – e as diferentes oportunidades para o adquirir e aumentar – constitui uma componente decisiva da condição generalizada de desigualdade que observamos hoje nos Estados Unidos da América⁶. Isto deve-se,

³ A “juventude desconectada” é por vezes referida como “geração NEET” (*Not in Employment, Education or Training*, fora da educação, do emprego ou da formação).

⁴ Kristen Lewis e Sarah Burd-Sharps, *Halve the Gap by 2030: Youth Disconnection in America's Cities*, Measure of America (2013), <http://ssrc-static.s3.amazonaws.com/moa/MOA-Halve-the-Gap-ALL-10.25.13.pdf>.

⁵ Para os propósitos deste texto, a noção de “baixas competências” diz respeito aos indivíduos cujo desempenho se encontra nos níveis de proficiência mais baixos do Programa Internacional para a Avaliação das Competências dos Adultos (PIAAC), definidos aqui como sendo os que se situam no Nível 2 ou no Nível 1 ou inferior. Para mais pormenores, ver a secção deste texto intitulada “Compreender o PIAAC”. Ao fazer comparações, apresentamos estes dois subgrupos de adultos com baixas competências e comparamo-los com os que têm uma pontuação igual ou superior ao Nível 3 de proficiência.

⁶ Ver, por exemplo, o Memorando da Decisão de setembro de 2016: Meritíssimo Thomas G. Moukawsher: Connecticut Coalition for Justice in Education Funding Inc., *et al.* V. Docket, Superior Court, Judicial District of Hartford, <https://assets.documentcloud.org/documents/3100630/School-Funding-Decision.pdf>; Jacqueline Rabe Thomas, “What Does a High School Diploma Prove?”, *CT Mirror*, 13 de dezembro de 2016, <https://ctmirror.org/2016/12/13/troubled-schools-on-trial-what-does-a-high-school-diploma-prove/>; U.S. Accountability Office, *Better Use of Information Could Help Agencies Identify Disparities and Address Racial Discrimination* (GAO-16-345), Washington, DC: US Government Printing Office, 2016; Greg J. Duncan e Richard J. Murnane, “Rising Inequality in Family Incomes and Children's Educational Outcomes,” *RSF: The Russell Sage Foundation Journal of the Social Sciences* 2, no. 2 (2016): 142-158, <http://www.rsjournal.org/doi/full/10.7758/RSF.2016.2.2.06>; Organisation for Economic Co-operation and

SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), “Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.”, *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175

em parte, ao facto de a qualidade da educação, bem como as oportunidades de aprendizagem ao longo da vida, estar cada vez mais estreitamente ligada à acumulação de capital social (por exemplo, o local onde se vive, as redes de relações sociais de cada um, o nível de envolvimento social) – e isto bem mais do que John Adams ou Theodore Roosevelt poderiam prever.⁷ Quando Roosevelt lembrou aos americanos, no princípio do século passado – quando a desigualdade se encontrava a um nível comparável⁸ –, que o progresso do país dependia da capacidade de assegurar o bem-estar de todos, podia perfeitamente estar a dirigir-se aos americanos de hoje. Devíamos ter em conta que, tal como ele avisou, “[nenh]um de nós pode verdadeiramente prosperar de forma permanente enquanto houver multidões dos nossos compatriotas que vivem rebaixados e aviltados”.⁹

2. Contextualização

Como é que chegámos aqui? É uma questão complicada. Decisões políticas tomadas a todos os níveis de governo, para não falar da globalização e dos avanços tecnológicos observados nas três ou quatro últimas décadas, promoveram uma distribuição de competências cada vez mais desigual. Isto aconteceu precisamente numa altura em que se revelavam necessários níveis cada vez mais altos de competências para aceder à classe média e nela permanecer, bem como para participar plenamente numa sociedade cada vez mais complexa. Tal como foi por muitos documentado, a economia americana do pós-Segunda Guerra Mundial, construída a partir de uma base alargada de indústria e consumo interno, e incentivada por políticas federais de alargamento das oportunidades de educação e habitação para muitos, permitiu a expansão da classe média. O nível de educação dos americanos ultrapassou o da maior parte dos países e o investimento público em educação pós-secundária tornou a entrada na universidade possível, e mais acessível, para um número crescente de pessoas.¹⁰ Ao longo deste período, o mercado de trabalho ofereceu, de maneira geral, oportunidades de emprego para uma grande parte da população americana, a níveis geralmente suficientes para manter uma classe média forte, significando isto a capacidade para adquirir uma casa, investir em oportunidades

Development (OECD), *In It Together: Why Less Inequality Benefits All* (Paris: OECD Publishing, 2015), <http://dx.doi.org/10.1787/9789264235120-en>.

⁷ Irwin Kirsch, Henry Braun, Mary Louise Lennon, e Anita M. Sands, *Choosing our Future: A Story of Opportunity in America* (Princeton, NJ: Educational Testing Service, 2016); Irwin Kirsch, Henry Braun, Kentaro Yamamoto, e Andrew Sum, *America's Perfect Storm: Three Forces Changing Our Nation's Future* (Princeton, NJ: Educational Testing Service, 2007).

⁸ Thomas Piketty e Emmanuel Saez, "Income Inequality in the United States: 1913-1998, *Quarterly Journal of Economics* 118, no. 1 (2003), ou, para um resumo menos técnico, ver a última atualização feita por Saez: *Striking it Richer: The Evolution of Top Incomes in the United States* (2015), <https://eml.berkeley.edu/~saez/saez-USstopincomes-2015.pdf>.

⁹ Discurso de Theodore Roosevelt, Chicago, IL, 17 de junho de 1912.

¹⁰ Claudia Goldin e Lawrence F. Katz, *The Race between Education and Technology* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2008); Suzanne Mettler, *Soldiers to Citizens: The GI Bill and the Making of the Greatest Generation* (Oxford: Oxford University Press on Demand, 2005).

SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), "Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.", *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175

educativas para os filhos e assegurar alguma segurança na terceira idade. A provisão destes benefícios a alguns à custa de outros é um elemento importante desta história, e tem havido muita investigação rigorosa que contribuiu para o nosso entendimento acerca do modo como esta prosperidade foi distribuída de forma desigual através de linhas de divisão racial e de género, aprofundando outras formas de desigualdade.¹¹ Apesar disto, podemos caracterizar o pós-Segunda Guerra Mundial como um período em que as competências adquiridas no ensino secundário e pós-secundário nos EUA conseguiram ir ao encontro das oportunidades de emprego, com salários e benefícios que possibilitavam a um número crescente de famílias americanas a entrada na classe média.

Os contornos desta paisagem económica e social começaram a mudar por volta de 1970. Quando a “economia de colarinho azul” do período do pós-guerra começou a dar lugar à economia baseada no conhecimento que temos hoje, o capital humano passou a ser cada vez mais importante. A emergência desta nova realidade económica foi acompanhada por avanços tecnológicos, pela globalização e por uma série de políticas empresariais e governamentais que enfraqueceram as organizações de trabalhadores e levaram a uma diminuição do investimento público nas famílias e comunidades.¹² O efeito acumulado destas mudanças aumentou a desigualdade de oportunidades, resultando numa concentração de riqueza nos níveis de rendimento mais elevados e num aumento significativo da pressão exercida sobre as classes baixa e média americanas.¹³ Ao mesmo tempo, outras nações industrializadas – tanto na Europa, como na Ásia – assistiram à melhoria da sua situação económica e também ao desenvolvimento do capital humano entre as suas populações mais jovens.

Pense-se, por exemplo, na realidade da República da Coreia ou no caso da Finlândia. Nas quatro últimas décadas, ambos os países concentraram atenção política e recursos económicos na oferta de opções escolares, a nível secundário e pós-secundário, acessíveis e de qualidade, dirigidas à sua população mais jovem. Num certo sentido, estavam a tentar alcançar países como os Estados Unidos da América, que ocupavam as posições de topo, no período pós-Segunda Guerra Mundial,

¹¹ Ver, por exemplo, Richard Rothstein, *The Color of Law: A Forgotten History of How Our Government Segregated America* (Nova Iorque: Liveright, 2017), E ainda Matthew Desmond, *Evicted: Poverty and Profit in the American City* (Nova Iorque: Broadway Books, 2017).

¹² Para uma discussão em torno do papel das políticas, ver, por exemplo, Jacob S. Hacker e Paul Pierson, "Winner-Take-All Politics: Public Policy, Political Organization, and the Precipitous Rise of Top Incomes in the United States, Democracy and Markets, Understanding the Effects of America's Economic Stratification," A Tobin Project Conference, 30 de abril - 2 de maio, 2010, <https://assets.aspeninstitute.org/content/uploads/files/content/docs/psi/BACKGROUND%20Reading%20Hacker%20and%20Pierson%20-%20Winner-Take-All%20Politics,%202010.pdf>; e Jacob S. Hacker e Paul Pierson, "Making America Great Again," *Foreign Affairs*, maio/junho de 2016, <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2016-03-21/making-america-great-again>.

¹³ Kirsch *et al.*, Choosing our Future; David H. Autor, "Skills, Education, and the Rise of Earnings Inequality among the 'Other 99 Percent'", *Science* 344, no. 6186 (2014).

em matéria de cumprimento da escolaridade secundária obrigatória.¹⁴ Dados respeitantes às competências, resultantes do *Programa Internacional para a Avaliação das Competências dos Adultos* (PIAAC), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), de 2012/2014,¹⁵ que comparam as classificações de *millennials* (idades compreendidas entre os 16 e os 34 anos) com as de adultos mais velhos (35-65), mostram precisamente isto. Os *millennials* na Finlândia obtiveram uma classificação em literacia 25 pontos acima (numa escala de 500 pontos) daquela obtida pelos adultos acima dos 35 anos; e, na República da Coreia, os *millennials* obtiveram uma classificação 29 pontos acima. Nos Estados Unidos, por seu turno, a diferença entre os dois grupos etários era de apenas 9 pontos. Mas os dados do PIAAC revelam bem mais do que isto. A análise destes dados demonstra que, embora os adultos mais velhos dos Estados Unidos tenham um melhor desempenho do que os seus homólogos internacionais em muitos dos países da OCDE que participaram no estudo, o desempenho dos *millennials* dos EUA ficava atrás do de muitos dos seus equivalentes internacionais.¹⁶ Por outras palavras, muitas nações industrializadas não só alcançaram o nível de sucesso educacional dos Estados Unidos, como viram o nível de competências dos seus jovens adultos ultrapassar o dos *millennials* dos EUA.¹⁷

As vastas mudanças acima apresentadas tiveram um impacto profundo no papel desempenhado pelo capital humano na consecução do nível de rendimentos que permite sustentar uma vida de classe média. Os economistas do trabalho estudaram as dimensões da nova economia que surgiram ao longo das quatro últimas décadas e demonstraram que o crescente “regresso às competências” (ganhos financeiros expectáveis em resultado da obtenção de níveis mais altos de educação e formação/competências), associado a uma queda aguda e precipitada no nível salarial potencial das pessoas com educação secundária, contribuiu para o crescimento da desigualdade, por um lado, e aumentou a importância do papel desempenhado pelo capital humano, por outro. Como sugere de forma inteligente o economista David Autor, este fenómeno constitui uma faca de dois gumes. O

¹⁴ Goldin e Katz, *Education and Technology*.

¹⁵ A primeira ronda do PIAAC (2012) foi administrada à população com idades entre os 16 e os 65 anos de 23 países. Foram eles: Austrália, Áustria, Bélgica (Flandres), Canadá, República Checa, Dinamarca, Estónia, Finlândia, França, Alemanha, Irlanda, Itália, Japão, Coreia, Países Baixos, Noruega, Polónia, Federação Russa, República Eslovaca, Espanha, Suécia, Reino Unido (Inglaterra e Irlanda do Norte) e Estados Unidos. Em 2014, foi realizada uma ronda suplementar de recolha de dados nos Estados Unidos (o Suplemento Nacional dos EUA). Também em 2014, a avaliação do PIAAC e as perguntas do questionário-base, com modificações ligeiras, foram utilizadas para estudar a população de adultos encarcerados nos Estados Unidos. Os dados utilizados neste documento baseiam-se principalmente nas amostras combinadas dos dados obtidos pelo PIAAC nos EUA em 2012 e 2014, bem como em dados selecionados da população encarcerada dos EUA (2014).

¹⁶ OCDE, *Time for the U.S. to Reskill?: What the Survey of Adult Skills Says* (Paris: OECD Publishing, 2013), <http://dx.doi.org/10.1787/9789264204904-en>.

¹⁷ Madeline Goodman, Anita M. Sands, e Richard A. Coley, *America's Skills Challenge: Millennials and the Future* (Princeton, NJ: Educational Testing Service, 2015).

SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), “Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.”, *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175

investimento em competências – especialmente nos níveis mais altos de competências – tem um retorno no mercado. Mas, assinala Autor, “esta tendência esconde uma verdade desanimadora: a subida dos rendimentos *relativos* das pessoas com formação no ensino superior não se deve apenas à subida dos rendimentos *reais* dos trabalhadores com licenciatura, mas também à queda dos rendimentos reais dos trabalhadores não licenciados”.¹⁸ Por outras palavras, a falta de oportunidades para adquirir e desenvolver o capital humano tem hoje um custo mais elevado do que tinha antes.

No que diz respeito à “desconexão”, noção a que é feita referência acima, queremos passar neste texto de uma ênfase na preocupação com o emprego e a educação para uma outra que inclui o capital humano, ou nível de competências. Utilizamos, para tal, de seguida, os dados do PIAAC relativos aos níveis de competência para nos dar um contexto internacional resumido quanto ao desempenho dos *millennials* dos EUA. Daqui, passamos a uma análise em profundidade da magnitude e dimensão geográfica do problema das baixas competências neste segmento da população. Por fim, analisamos a relação entre competências e indicadores de coesão social/capital social. Neste processo, defendemos que as baixas competências estão correlacionadas com uma sensação mais geral de desconexão e a ausência de participação na vida política e social.

3. Alargando o Conceito de Desconexão

Os investigadores têm dedicado bastante atenção ao crescimento do número de jovens “desconectados” na Europa e nos Estados Unidos da América, principalmente desde a grande recessão de 2008. O *Measure of America* referiu-se recentemente ao problema da desconexão da juventude face ao mercado de trabalho e à esfera educativa como uma “epidemia”, e estimou que hoje, nos Estados Unidos, 5,8 milhões de jovens adultos não trabalhem nem frequentem a escola.¹⁹ Em 2015, o Serviço de Investigação do Congresso dos EUA [*Congressional Research Service*] publicou um relatório que estimava o número em cerca de 6% da população total entre os 16 e os 24 anos.²⁰ Nesse mesmo ano, a OCDE publicou um relatório que analisava as taxas de desconexão dos jovens nos respetivos países membros. O relatório em causa concluía que a dimensão desta população era de tal monta que tornava a “melhoria do emprego e da integração social entre a juventude uma preocupação política de primeira ordem”.²¹

¹⁸ David Autor, *The Polarization of Job Opportunities in the U.S. Labor Market: Implications for Employment and Earnings*, Center for American Progress and The Hamilton Project, abril de 2010, 6, <https://economics.mit.edu/files/5554>. Itálico no original.

¹⁹ Lewis e Burd-Sharps, *Halve the Gap*.

²⁰ Congressional Research Service, *Disconnected Youth: A Look at 16 to 24 Year Olds Who Are not Working or in School*, por Adrienne L. Fernandes-Alcantara (2015), <https://fas.org/sgp/crs/misc/R40535.pdf>.

²¹ Stéphane Carcillo, Rodrigo Fernández, Sebastian Königs e Andreea Minea, *NEET Youth in the Aftermath of the Crisis: Challenges and Policies* (Paris: OECD Publishing, 2015).

O pressuposto que subjaz à investigação que presentemente se debruça sobre a desconexão juvenil é claro: aqueles que estão a trabalhar ou a frequentar a educação formal têm as competências e o conhecimento necessários à autossuficiência, e aqueles que não estão em nenhuma dessas situações arriscam-se a ficar para trás.²² Os resultados coletivos deste conjunto de investigações são importantes e alarmantes, mas não vão, provavelmente, ao fundo da questão.

A nossa abordagem ao conceito de “desconexão” é, neste texto, propositadamente mais alargada, centrando-se no papel das competências cognitivas, para além das ligações formais ao mercado de trabalho ou à educação. Embora estes últimos sejam sem dúvida aspetos importantes – emprego e níveis mais altos de escolaridade estão claramente correlacionados com salários mais elevados e melhores resultados na vida²³ –, se atentarmos *apenas* a estas ligações, não estaremos provavelmente a ver o quadro completo. A investigação mostra que ter um baixo nível de competências limita a capacidade individual para tirar partido das oportunidades que se apresentam na nossa sociedade de conhecimento²⁴. Desse modo, se definirmos desconexão a partir do nível de competências cognitivas de cada pessoa, ficamos com uma imagem mais rigorosa dos desafios que muitos jovens adultos enfrentam à medida que transitam para a próxima fase das suas vidas. Recorrendo aos dados do PIAAC, demonstramos que a ligação à educação e ao emprego são efetivamente necessárias, mas não suficientes. A nossa pesquisa indica que aproximadamente 31 milhões de *millennials* ligados à educação formal (seja no ensino secundário, seja nalguma modalidade de ensino pós-secundário) ou ligados a um emprego apresentam, apesar disso, níveis baixos de competências de literacia, com 39 milhões a mostrarem fracas competências de numeracia. Para além de uma reconceptualização do modo como entendemos e medimos a desconexão, a nossa pesquisa alarga a população estudada, acrescentando as pessoas com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos, uma vez que a geração *millennial* passa por uma transição para a idade adulta mais prolongada do que aquela por que passaram as gerações anteriores de jovens adultos, e continua a ser um importante objeto de investigação, de políticas e de atenção mediática.²⁵

Abordar a desconexão em termos de níveis de competências também nos ajuda a considerar de forma mais completa os custos económicos e sociais de ter um baixo nível de competências. Estes

²² Congressional Research Service, *Disconnected Youth*. Ver também Annie E. Casey Foundation, *Youth and Work: Restoring Teen and Young Adult Connections to Opportunity* (Baltimore, Annie E. Casey Foundation, 2012), <http://www.aecf.org/m/resourcedoc/AECF-YouthAndWork-2012-Full.pdf>.

²³ *OECD Skills Outlook 2013: First Results from the Survey of Adult Skills* (Paris: OECD Publishing, 2013).

²⁴ OECD, *Time for the U.S.*; U.S. Department of Education, Office of Career, Technical, and Adult Education, *Making Skills Everyone's Business: A Call to Transform Adult Learning in the United States* (Washington, DC: Author, 2015).

²⁵ Reid Cramer, "Millennials Rising: Coming of Age in the Wake of the Great Recession", *New America* (2014): 11-19; Pew Research Center's reporting on millennials, <http://www.pewresearch.org/topics/millennials/>.

SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), "Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.", *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175

custos têm um impacto duradouro, tanto para os indivíduos – facto que é amplamente reconhecido – , como para a sociedade em geral. Para o indivíduo, o papel desempenhado pelo capital humano no seu bem-estar é geralmente considerado óbvio: um nível alto de competências está correlacionado com melhores empregos, salários mais altos e resultados de vida mais favoráveis.²⁶ As competências, contudo, desenvolvem-se, formal e informalmente, através de uma miríade de *conexões* ao longo da vida – dependem do “capital social” de cada pessoa. A Academia Nacional de Ciências [*National Academy of Sciences*] define capital social, em traços largos, como o nível, para cada pessoa, de “participação política; envolvimento em organizações comunitárias; ligação com amigos, família e vizinhos; e atitudes dirigidas à vizinhança, ao governo e aos grupos que não os seus próprios grupos”. Estas conexões são significativas porque estão associadas a “resultados positivos em muitos domínios da vida, incluindo saúde, altruísmo, educação, emprego, bem-estar infantil e conformidade com a lei”.²⁷ Investigação recente aponta para que os indivíduos com níveis mais altos de capital social estão numa melhor posição para adquirir inicialmente, e depois manter, níveis mais altos de capital humano (competências) ao longo da vida.²⁸

Indivíduos que apresentam níveis elevados de capital humano e social também transmitem vantagens aos seus filhos de modo mais ou menos tangível. A investigação sobre os níveis mais precoces da participação educativa e a psicologia infantil demonstram, por exemplo, que tais vantagens começam a ser transmitidas mesmo antes do nascimento, através dos cuidados pré-natais.²⁹ É mais provável que os pais com mais tempo e recursos leiam para os seus filhos, criando a oportunidade de enriquecimento do vocabulário destes, que se reflete em classificações académicas mais elevadas. Para além disso, a posse de mais recursos permite-lhes oferecer aos seus filhos um maior acesso a atividades extraescolares e outras oportunidades extracurriculares.³⁰ Resumindo, as

²⁶ U.S. Department of Education, *Making Skills Everyone's Business*; relativamente a salários e competências, ver Neeta Fogg, Paul Harrington e Ishwar Khatiwada, *The Impact of Human Capital Investments on the Earnings of American Workers*, Center for Labor Markets and Policy, Drexel University (Princeton, NJ: Educational Testing Service, forthcoming); e Autor, "Skills, Education".

²⁷ National Research Council, *Civic Engagement and Social Cohesion: Measuring Dimensions of Social Capital to Inform Policy*. Kenneth Prewitt, Christopher D. Mackie, e Hermann Habermann (Eds.), Panel on Measuring Social and Civic Engagement and Social Cohesion in Surveys, Committee on National Statistics, Division of Behavioral and Social Sciences and Education (Washington, DC: National Academies Press, 2014), <https://www.nap.edu/read/18831/chapter/1#viii>.

²⁸ Henry Braun, "The Dynamics of Opportunity in America: A Working Framework," in *The Dynamics of Opportunity in America: Evidence and Perspectives*, ed. Irwin Kirsch e Henry Braun (Nova Iorque: Springer, 2016), 137-164; Kirsch *et al.*, *Choosing Our Future*; Richard Wilkinson e Kate Pickett, *The Spirit Level: Why Equality is Better for Everyone* (Londres, Penguin, 2010); OECD, *Time for the U.S.*; U.S. Department of Education, *Making Skills Everyone's Business*.

²⁹ Janet Currie, "Inequality at Birth: Some Causes and Consequences", *American Economic Review* 101, no. 3: 1-22 (2011), <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/aer.101.3.1>.

³⁰ Emma Garcia, *Inequalities at the Starting Gate: Cognitive and Noncognitive Skills Gaps between 2010-2011 Kindergarten Classes*, Economic Policy Institute, 17 de junho de 2015,

SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), "Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.", *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175

vantagens tendem a acumular-se e a multiplicar-se com o tempo. Pelo contrário, aqueles que vivem em situações em que não é promovido o desenvolvimento do capital humano e social são confrontados com a perspectiva da mobilidade social descendente. As pessoas que vivem em ambientes difíceis ou em comunidades onde o nível de crime, desemprego e pobreza são altos e os cuidados de saúde são deficientes tendem a ter uma desvantagem à partida, tal como os seus descendentes. É bastante visível que as dinâmicas associadas àquilo que podemos designar como “acumulação de vantagens e de desvantagens”, e a desigualdade que daí resulta, estão a polarizar os EUA – de tal modo que, cada vez mais, não nos vemos uns aos outros.³¹ Como defende Robert Putnam, autor de *Our Kids: The American Dream in Crisis* [Os Nossos Filhos: A Crise do Sonho Americano], a desigualdade – e a segregação social que ela cria e perpetua – criou um ambiente de polarização onde “simplesmente não sabemos como é que a outra metade vive”. De acordo com Putnam, este fosso crescente “limita o nosso sentimento de reciprocidade. Limita o nosso sentido do que devemos uns aos outros. Somos cada vez menos uma comunidade”.³²

4. A Geração *Millennial*

Muitas vezes referidos como *millennials*, mas também conhecidos como *Geração Y* ou *echo boomers*, este grupo de indivíduos, que aqui identificamos com aqueles que têm idade compreendida entre os 16 e os 34 anos, é geralmente identificado com o das pessoas nascidas entre 1980 e 2000. São, normalmente, os filhos e filhas da geração dos *baby boomers* do pós-guerra (1946-1964) e dos membros mais velhos da *Geração X* (1965-1980); outros são jovens imigrantes. No total, os *millennials* são cerca de 77 milhões, ou cerca de um quarto da população dos EUA, e é difícil descartar a sua importância. São a geração mais numerosa de americanos vivos, representando uma

<http://www.epi.org/files/pdf/85032c.pdf> ; Timothy M. Smeeding, "Gates, Gaps, and Intergenerational Mobility: The Importance of an Even Start," in *The Dynamics of Opportunity in America: Evidence and Perspectives*, ed. Irwin Kirsch e Henry Braun (Nova Iorque: Springer, 2016), 255-295; Neera Kaushal, Katherine Magnuson e Jane Waldfogel, "How is Family Income Related to Investments in Children's Learning?", in *Whither Opportunity? Rising Inequality, Schools, and Children's Life Chance*, ed. Greg J. Duncan e Richard Murnane (Nova Iorque: Russell Sage Foundation, 2011).

³¹Elizabeth McNichol, Douglas Hall, David Cooper, e Vincent Palacios, *Pulling Apart: A State-by-State Analysis of Income Trends*, Center on Budget and Policy Priorities and Economic Policy Institute, 15 de novembro de 2012, <http://www.epi.org/files/2012/Pulling-Apart-11-15-12sfp.pdf>; Kirsch *et al.*, *Choosing Our Future*; para estudos sobre mobilidade social, ver Raj Chetty, Nathaniel Hendren, Patrick Kline, e Emmanuel Saez, *Where is the Land of Opportunity? The Geography of Intergenerational Mobility in the United States*, NBER Working Paper No. 19843 (Cambridge, MA: National Bureau of Economic Research, 2014); Raj Chetty, David Grusky, Maximilian Hell, Nathaniel Hendren, Robert Manduca, e Jimmy Narang, *The Fading American Dream: Trends in Absolute Income Mobility Since 1940*, Science (2017), doi:10.1126/science.aal4617.

³²Josh Hoxie, "Income Segregation and Familiarity", *Inequality.org*, <http://inequality.org/great-divide/income-segregation-familiarity/>.

SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), “Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.”, *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175

percentagem significativa da população ativa atual e futura.³³ Não é provavelmente um exagero dizer que, para onde forem os *millennials*, também vai a América.

O nosso relatório anterior, *America's Skills Challenge: Millennials and the Future* [O Desafio das Competências na América: Os *Millennials* e o Futuro] (2015), apresentava uma abordagem declaradamente internacional e analisava as competências dos *millennials* americanos em comparação com as de outros 21 países da OCDE que participaram no PIAAC.³⁴ O PIAAC foi concebido para analisar e comparar as competências-chave, cognitivas e profissionais, dos adultos (16-65 anos de idade) consideradas necessárias para participar com sucesso na sociedade do século XXI e numa economia globalizada. Na última vez em que foi administrado até à data de elaboração deste texto (2.ª Ronda do 1.º Ciclo, 2012-2016), o inquérito do PIAAC mediu as competências dos adultos em 33 países e em três domínios: literacia, numeracia e resolução de problemas em ambientes tecnologicamente desafiantes.³⁵ Para além dos dados cognitivos recolhidos, a OCDE recolheu uma panóplia de informação sociográfica de base que pode ser relacionada com o nível de competências.³⁶

O relatório *O Desafio das Competências na América* mostrava que, apesar de terem o nível de escolaridade mais alto da história dos Estados Unidos da América, os *millennials* residentes no país tinham geralmente resultados mais fracos nos três domínios avaliados do que os seus homólogos dos outros países da OCDE. Estes resultados revelaram-se particularmente evidentes no caso da numeracia. Quando olhámos para os diversos subgrupos populacionais de *millennials* – de acordo com a sua naturalidade, nível de escolaridade, nível de desempenho e antecedentes socioeconómicos – os *millennials* dos EUA tinham, de um modo geral, resultados abaixo dos alcançados pelos seus homólogos em muitos dos países que participaram no PIAAC. O presente texto baseia-se mais uma vez em dados do PIAAC e oferece uma análise centrada na magnitude e nas dimensões da população de jovens adultos dos EUA, em termos do nível de competências de literacia e numeracia, e das características associadas a estes níveis.³⁷

³³ O estudo sobre *millennials* do Pew Research Center pode ser consultado em <http://www.pewresearch.org/topics/millennials/>.

³⁴ Ver a nota 12.

³⁵ Para além dos 24 países da primeira Ronda do 1.º Ciclo do PIAAC, foram acrescentados mais 9 países à segunda Ronda do estudo, em 2014: Chile, Grécia, Indonésia, Israel, Lituânia, Nova Zelândia, Singapura, Eslovénia e Turquia. Para mais informações sobre os países participantes, consultar <https://nces.ed.gov/surveys/piaac/countries.asp>.

³⁶ Para mais informação sobre o questionário-base do PIAAC, ver <https://nces.ed.gov/surveys/piaac/questionnaires.asp>

³⁷ Em 2014, foi realizada uma ronda suplementar de recolha de dados nos Estados Unidos. Os dados aqui utilizados baseiam-se principalmente nas amostras combinadas dos dados do PIAAC nos EUA recolhidos em 2012 e 2014.

5. Compreender o PIAAC

Como já foi dito, o objetivo do PIAAC é medir as competências-chave, cognitivas e profissionais, necessárias à participação na sociedade e ao desenvolvimento das economias. Exercícios concretos nos domínios da literacia e da numeracia testaram, por exemplo, a capacidade dos inquiridos para distinguir a informação relevante da irrelevante; preencher corretamente formulários de seguros em ambiente *online*; integrar, sintetizar e interpretar argumentos transmitidos por diferentes tipos de meios; compreender requisitos de um determinado emprego; ou calcular os custos e benefícios de planos de reforma.³⁸ Por outras palavras, o PIAAC, enquanto estudo de avaliação das competências dos adultos e jovens adultos – e ao contrário de outras avaliações internacionais e nacionais de populações que frequentam o sistema de ensino (*Progress in International Reading Literacy Study*, PIRLS; *Program for International Student Assessment*, PISA; *Trends in International Mathematics and Science Study*, TIMSS; *National Assessment of Educational Progress*, NAEP) – foi concebido para medir as competências funcionais exigidas para uma vida adulta, madura e independente. Estas competências, definidas de forma ampla, cruzam-se muitas vezes com aquelas que são fundamentais e úteis para a obtenção de um emprego remunerado, mas também é preciso reconhecer que elas são fundamentais para que os indivíduos naveguem através dos complexos sistemas que estão presentes nas nossas vidas quotidianas.³⁹ Ademais, numa altura em que se dá cada vez mais atenção à nossa capacidade para avaliar criticamente a quantidade de informação sem precedentes que recebemos no dia-a-dia, estas competências nunca foram tão relevantes para a prática de uma cidadania informada e empenhada.⁴⁰

Discutiremos, nas próximas secções deste artigo, o desempenho médio dos *millennials* e a percentagem desta população que obteve um determinado nível de proficiência nas avaliações de literacia e numeracia do PIAAC.⁴¹ Os níveis de proficiência do PIAAC vão desde “abaixo de 1”, o mais baixo, até ao “5”, o mais alto. Este relatório concentrar-se-á sobretudo nos *millennials* com desempenhos mais baixos (os de nível 1 ou inferior e aqueles que obtiveram nível 2), deixando de parte os que têm nível 3 ou superior. De acordo com a OCDE, o nível 3 representa um padrão de proficiência “mínima”, tanto no domínio da literacia, como no domínio da numeracia.⁴² A Tabela 1

³⁸ Este texto aborda os domínios da literacia e da numeracia.

³⁹ *OECD Skills Outlook 2013*.

⁴⁰ Sam Wineburg e Sarah McGrew, "Why Students Can't Google Their Way to Truth", *Education Week, Commentary*, 1 de novembro de 2016, <http://www.edweek.org/ew/articles/2016/11/02/why-students-cant-google-their-way-to.html>.

⁴¹ Os dados sobre a questão da resolução de problemas em ambientes tecnológicos não foram incluídos neste texto, porque os parâmetros de referência para este domínio variam em relação aos da literacia e da numeracia. Ver Anexo B para uma descrição pormenorizada dos níveis de proficiência em literacia e numeracia.

⁴² OECD, *Time for the U.S.*

SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), “Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.”, *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175

oferece informação adicional acerca dos níveis de proficiência do PIAAC em cada domínio. Para uma descrição completa de todos os níveis de proficiência e para uma amostra das questões propostas no estudo, ver o Anexo B.

Os resultados aqui apresentados foram obtidos utilizando o *IDB Analyzer* da *International Association for the Evaluation of Educational Achievement (IEA)*, *software* que permite criar uma sintaxe para utilização nos programas SPSS ou SAS que tem em linha de conta, no cálculo dos resultados, as características da amostra e o modo como a avaliação foi concebida.⁴³ Diferenças observáveis (sejam entre países ou entre determinados grupos de adultos dos EUA) são assinaladas no texto apenas quando são consideradas estatisticamente significativas ($p < .05$). Não foram feitos ajustes estatísticos para explicar as várias comparações.⁴⁴

Tabela 1
COMPETÊNCIAS DE LITERACIA

Nível 1 ou inferior	Conseguem provavelmente ler um texto curto acerca de um tópico que lhes é familiar, de modo a localizar uma única unidade de informação, utilizando vocabulário básico. Têm dificuldade em processar ou integrar duas ou mais unidades de informação contidas num texto. Têm dificuldade em orientar-se em textos digitais de modo a aceder e a identificar informação nas várias partes de um documento.
Nível 2	Conseguem provavelmente identificar paráfrases ou fazer inferências com nível de dificuldade reduzido. Têm dificuldade na compreensão de textos longos (múltiplas páginas), em orientar-se em documentos disponíveis <i>online</i> mais completos e na avaliação de uma ou mais unidades de informação. Têm dificuldade em ajuizar, comparar ou contrastar a informação disponibilizada.
Nível 3 ou superior	Conseguem provavelmente orientar-se e compreender textos de várias páginas ou em formatos digitais complexos. Conseguem provavelmente identificar, interpretar ou avaliar uma ou mais unidades de informação que podem exigir níveis de inferência variados. Conseguem provavelmente desempenhar tarefas que exigem que o inquirido produza sentido a partir de textos longos, ou que desempenhe operações em várias etapas. Conseguem provavelmente ler e seleccionar a informação que é (ir)relevante, para responder corretamente às questões colocadas.

COMPETÊNCIAS DE NUMERACIA

Nível 1 ou inferior	Conseguem provavelmente fazer operações simples: contar, ordenar, fazer operações aritméticas básicas com números inteiros ou com dinheiro. Conseguem provavelmente reconhecer representações espaciais comuns em
----------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

⁴³ Ver o *IEA Data Repository*, <http://www.iea.nl/our-data>.

⁴⁴ Os resultados, itens da amostra, acesso a ferramentas em linha e outras informações relativas à administração do PIAAC nos EUA estão disponíveis em <https://nces.ed.gov/surveys/piaac/>.

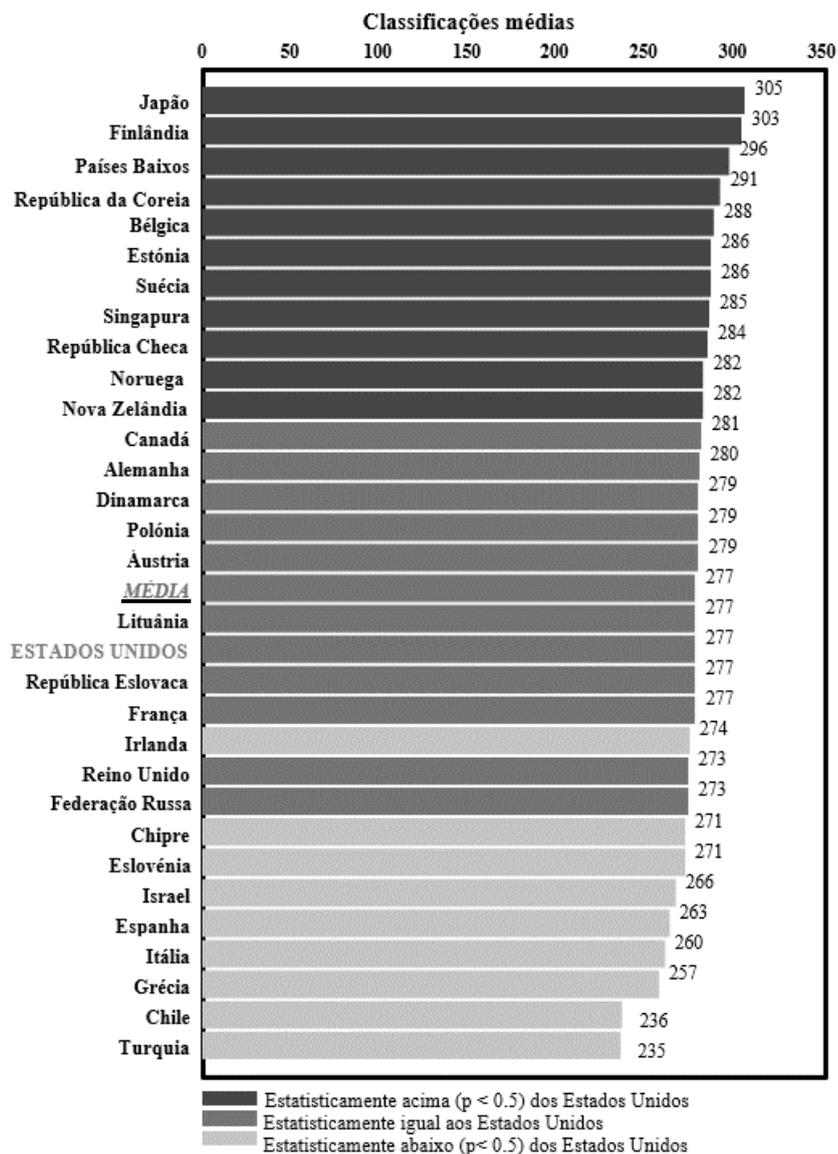
	<p>contextos concretos e familiares, onde o contexto matemático é explícito, ou com pouco texto ou sem distrações a acompanhá-lo.</p> <p>Têm provavelmente dificuldade em desempenhar tarefas que exijam duas ou mais etapas, que envolvam cálculos com números inteiros e decimais, percentagens, frações, medições simples e representação espacial.</p>
Nível 2	<p>Conseguem provavelmente interpretar dados e estatísticas simples em textos, tabelas ou gráficos.</p> <p>Têm provavelmente dificuldade em reconhecer e trabalhar com relações matemáticas, padrões e proporções apresentadas de forma numérica ou textual.</p> <p>Têm provavelmente dificuldade em interpretar e fazer análises básicas de dados e estatísticas em textos, tabelas e gráficos.</p>
Nível 3 ou superior	<p>Conseguem provavelmente identificar e lidar com informação e ideias matemáticas integradas num conjunto de contextos comuns.</p> <p>Conseguem provavelmente desempenhar tarefas em várias etapas e que exigem o uso de estratégias de resolução de problemas e processos semelhantes.</p> <p>Conseguem provavelmente reconhecer e trabalhar com relações matemáticas, padrões e proporções apresentadas de forma textual ou numérica.</p> <p>Conseguem provavelmente interpretar e desempenhar análises básicas de dados e estatísticas em textos, tabelas e gráficos.</p>

6. *Millennials* com baixos níveis de competências nos EUA

Recorrendo a dados do inquérito aplicado no âmbito do 1.º Ciclo do PIAAC, o desempenho relativo dos *millennials* dos EUA foi, no melhor dos casos, medíocre, em comparação com o dos seus homólogos internacionais em 30 países. Na literacia, os *millennials* inquiridos nos EUA obtiveram uma classificação mais alta do que os seus equivalentes de 9 países, inferior à dos inquiridos de 11 países e globalmente situada na média do conjunto dos países participantes no estudo. Na numeracia, os resultados foram mais inquietantes. Em média, os *millennials* dos EUA tiveram um resultado acima de apenas quatro países (Espanha, Grécia, Turquia e Chile) e situaram-se abaixo da média do conjunto dos países participantes no PIAAC (Figura 1).

Figura 1a: Classificações médias nas escalas de literacia e numeracia do PIAAC para os *millennials*, por país/região participante: 2012/2014.

LITERACIA

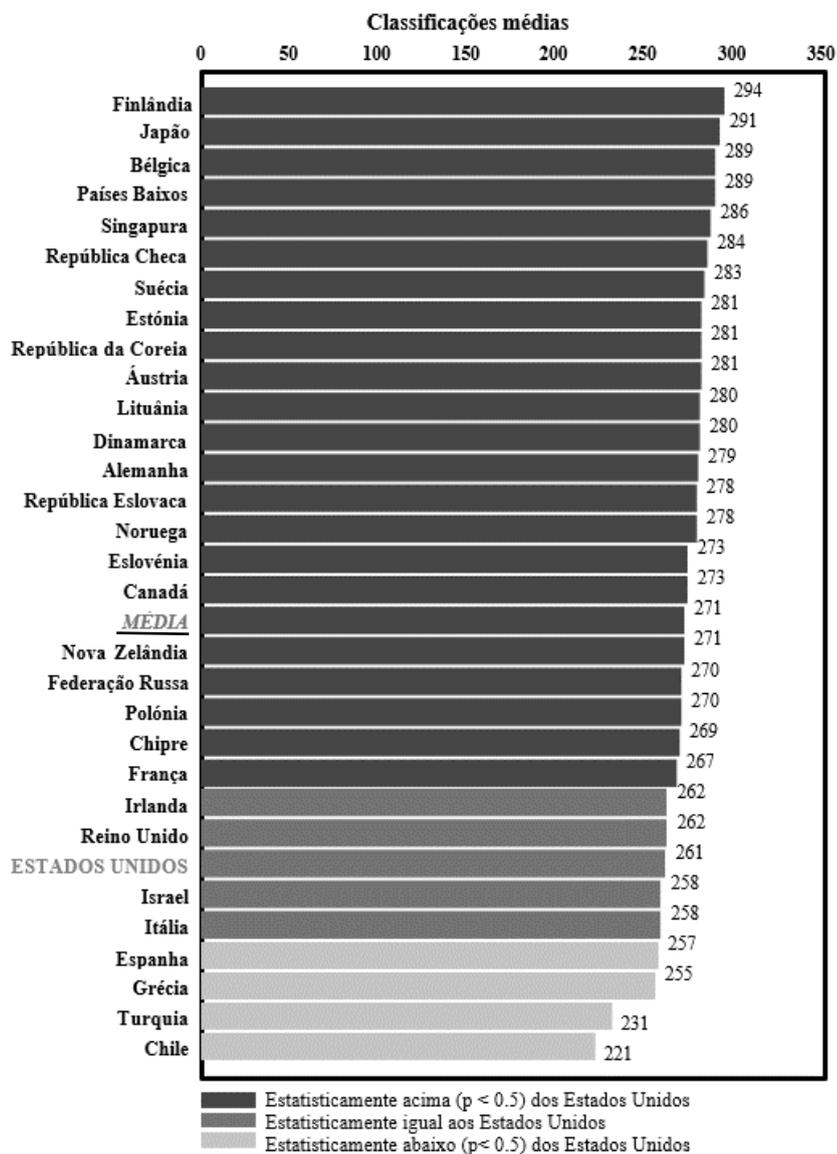


Nota: Ver a Tabela A-1 para os erros-padrão.

Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), Programa Internacional para a Avaliação das Competências dos Adultos (PIAAC), 2012/2014.

Figura 1b: Classificações médias nas escalas de literacia e numeracia do PIAAC para os *millennials*, por país/região participante: 2012/2014 (continuação).

NUMERACIA



Nota: Ver a Tabela A-1 para os erros-padrão.

Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), Programa Internacional para a Avaliação das Competências dos Adultos (PIAAC), 2012/2014.

A classificação média é uma das formas de compreender o desempenho dos *millennials* de um país, mas deixa de fora detalhes importantes relativos à distribuição dos desempenhos dentro de cada país. Todos os países têm, obviamente, uma percentagem da sua população nos níveis mais baixos de competência, mas a amplitude e a distribuição de desempenhos entre os países participantes no PIAAC é significativa. Por exemplo, na literacia, a percentagem de *millennials* com baixo nível de competências variou entre os 2% no Nível 1 ou inferior, para o Japão, e um máximo de 41%, no Chile, com os Estados Unidos da América a situarem-se no meio, com 14% (Tabela 1). Na numeracia, a amplitude de desempenho no Nível 1 ou inferior variou de um mínimo de 7% (mais uma vez, no

Japão) até um máximo de 53%, no Chile, com os Estados Unidos a situarem-se nos 25%. Doze países tiveram uma percentagem mais baixa de *millennials* no Nível 1 ou inferior no que toca à literacia; em numeracia, 23 países tiveram percentagens mais baixas. Em numeracia, apenas a Turquia e o Chile tinham uma percentagem mais elevada de *millennials* no Nível 1 ou inferior. Verificou-se um padrão semelhante no que diz respeito ao Nível 2: os *millennials* inquiridos nos EUA encontram-se no meio da distribuição no respeitante à literacia; em numeracia, apenas a Irlanda, Grécia e Espanha apresentaram percentagens mais elevadas da sua população neste nível.⁴⁵

É de assinalar também a classificação relativa no respeitante à percentagem de *millennials* dos EUA com nível de competências mais altos (com desempenho de Nível 3 ou superior), em comparação com os seus homólogos internacionais com competências semelhantes. A percentagem variou entre um máximo de 81% (Japão) e um mínimo de 15% (Turquia), no domínio da literacia, e um máximo de 68% (Finlândia) e um mínimo de 16% (Chile), na numeracia. Aqui, mais uma vez, os Estados Unidos da América classificaram-se claramente no meio da tabela em literacia (com 53%) e mais abaixo em numeracia (40%), com apenas quatro países a apresentarem percentagens *inferiores* da sua população de *millennials* com proficiência de Nível 3 ou superior (Espanha, Grécia, Turquia e Chile).

⁴⁵ Para uma discussão detalhada das competências de um subgrupo de países com baixo desempenho em literacia, incluindo os Estados Unidos, ver Anke Grotlüschen, David Malloes, Stephen Reder e John Sabatini, *Adults with Low Proficiency in Literacy or Numeracy*, OECD Education Working Paper No. 131 (Paris: OECD Publishing, 2016), doi:10.1787/5jm0v44bnmxx-en.

Tabela 1a: Percentagem de *millennials* nos níveis de desempenho selecionados, nas escalas de literacia e numeracia do PIAAC, por país/região participante: 2012/2014.

LITERACIA

No ou Abaixo do Nível 1 (organizado – ascendente em %)		No Nível 2 (organizado - ascendente em %)		No ou Acima do Nível 3 (organizado – descendente em %)	
Japão	2*	Japão	17*	Japão	81*
República da Coreia	4*	Finlândia	18*	Finlândia	77*
Finlândia	5*	Países Baixos	22*	Países Baixos	72*
Países Baixos	7*	Suécia	25*	República da Coreia	70*
República Checa	8*	Bélgica	25*	Bélgica	66*
Estónia	9*	República da Coreia	26*	Suécia	65*
Bélgica	9*	Noruega	27*	Estónia	63*
Lituânia	9*	Singapura	28*	Singapura	62*
Singapura	10*	Estónia	29*	República Checa	61*
Suécia	10*	Alemanha	29*	Noruega	61*
República Eslovaca	11*	Dinamarca	31	Nova Zelândia	58*
Nova Zelândia	11*	República Checa	31	Dinamarca	58*
Áustria	11	Canadá	31	Alemanha	58*
Dinamarca	12	Nova Zelândia	31	Áustria	57*
Polónia	12	Áustria	32	Canadá	57*
Noruega	12	Média	32	República Eslovaca	56
Canadá	12	França	33	Polónia	55
Irlanda	13	Polónia	33	França	54
Chipre	13	Reino Unido	33	Média	54
França	13	República Eslovaca	33	Lituânia	53
Alemanha	13	Estados Unidos	34	Estados Unidos	53
Estado Unidos	14	Israel	34	Reino Unido	51
Média	14	Eslovénia	35	Federação Russa	50
Federação Russa	14	Federação Russa	36	Irlanda	50
Eslovénia	15	Lituânia	37	Eslovénia	50
Reino Unido	16	Irlanda	38*	Chipre	48*
Espanha	19*	Chile	38*	Israel	45*
Israel	21*	Itália	39*	Espanha	41*
Itália	21*	Chipre	39*	Itália	40*
Grécia	24*	Espanha	40*	Grécia	34*
Turquia	38*	Grécia	41*	Chile	21*
Chile	41*	Turquia	46*	Turquia	15*

* Estatisticamente diferente ($p < .05$) dos Estados Unidos.

Ver Tabela A-2 para os erros-padrão.

Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), Programa Internacional para Avaliação das Competências dos Adultos (PIAAC), 2012/2014.

Tabela 1b: Percentagem de *millennials* nos níveis de desempenho selecionados, nas escalas de literacia e numeracia do PIAAC, por país/região participante: 2012/2014 (continuação)

NUMERACIA

No ou Abaixo do Nível 1 (organizado- ascendente em %)		No Nível 2 (organizado – ascendente em %)		No ou Acima do Nível 3 (organizado – descendente em %)	
Japão	7*	Finlândia	24*	Finlândia	68*
República da Coreia	8*	Singapura	25*	Japão	67*
Finlândia	8*	Bélgica	26*	Bélgica	65*
Bélgica	9*	Países Baixos	27*	Países Baixos	64*
Países Baixos	9*	Japão	27*	Singapura	63*
República Checa	10*	Suécia	27*	Suécia	60*
Estónia	11*	Noruega	28*	República Checa	60*
Lituânia	11*	Alemanha	29*	Áustria	58*
Singapura	12*	Áustria	30*	República da Coreia	58*
Áustria	12*	República Eslovaca	30*	Noruega	57*
Suécia	12*	Dinamarca	30*	Estónia	57*
República Eslovaca	13*	República Checa	30*	República Eslovaca	57*
Dinamarca	13*	Canadá	31*	Dinamarca	57*
Federação Russa	15*	Chile	32	Alemanha	56*
Noruega	15*	Nova Zelândia	32	Lituânia	56*
Alemanha	15*	Estónia	32	Eslovénia	51*
Eslovénia	16*	Israel	32	Canadá	50*
Chipre	16*	Média	32	Média	50*
Polónia	17*	Eslovénia	32	Nova Zelândia	49*
Média	18*	Lituânia	33	Federação Russa	47*
Canadá	18*	Reino Unido	34	Polónia	47*
Nova Zelândia	19*	França	34	Chipre	46*
França	20*	Estados Unidos	35	França	46*
Irlanda	21*	República da Coreia	35	Reino Unido	42
Espanha	22	Polónia	36	Israel	41
Reino Unido	24	Itália	37	Irland	41
Itália	25	Federação Russa	37	Estados Unidos	40
Estados Unidos	25	Chipre	38	Itália	37
Grécia	27	Turquia	39	Espanha	35*
Israel	27	Irlanda	39*	Grécia	33*
Turquia	43*	Grécia	40*	Turquia	18*
Chile	53*	Espanha	43*	Chile	16*

* Estatisticamente diferente ($p < .05$) dos Estados Unidos da América.

Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), Programa Internacional para a Avaliação das Competências dos Adultos (PIAAC), 2012/2014.

A Tabela 2 mostra com maior detalhe o desempenho dos *millennials* dos EUA em determinados níveis de proficiência (no Nível 1 ou inferior, no Nível 2 e no Nível 3 ou superior). 14% da população de *millennials*, ou 10,4 milhões, tiveram um desempenho de Nível 1 ou inferior em literacia. Em numeracia, um quarto do total dos *millennials* – aproximadamente 19,4 milhões – teve um desempenho neste nível. Quando acrescentamos os *millennials* que se classificaram no Nível 2, o total aumenta de forma dramática. Estima-se que 36,2 milhões de *millennials* (47%) tenham um desempenho de Nível 2 ou inferior em literacia e que um número estimado de 46,1 milhões (60%) tenha um desempenho de Nível 2 ou inferior em numeracia.

Tabela 2: Percentagem de *millennials* nos níveis de desempenho selecionados, nas escalas de literacia e numeracia do PIAAC, por país/região participante: 2012/2014.

	População <i>Millennial</i> Total	Nível de Proficiência					
		No ou Abaixo do Nível 1		Nível 2		No ou Acima do Nível 3*	
	Estimativa (milhões)	Estimativa (milhões)	%	Estimativa (milhões)	%	Estimativa (milhões)	%
LITERACIA	76.7	10.4	14	25.8	34	40.5	53
NUMERACIA	76.7	19.4	25	26.7	35	30.7	40

*Nível 3 ou acima = Níveis 3, 4 & 5.

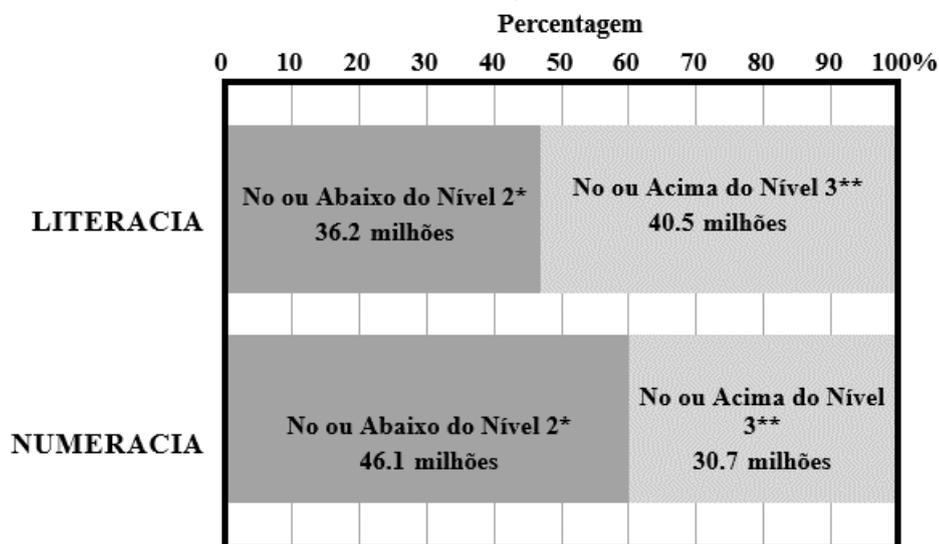
Nota: Os totais baseiam-se na soma dos números, sem arredondamento.

Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), Programa Internacional para a Avaliação das Competências dos Adultos (PIAAC), 2012/2014.

É claro que, dos cerca de 76,7 milhões de *millennials* dos EUA, alguns são bem-sucedidos na economia e sociedade de hoje. Tendo em conta aquilo que se sabe acerca da associação entre competências e resultados na vida, é mais provável que as pessoas com níveis de competências mais elevados (Nível 3 ou acima) experimentem uma transição mais suave para a vida adulta.⁴⁶ É provável que estes adultos sintam que estão a avançar no sentido de alcançar uma vida sustentável para si e para os seus filhos. Mas, para muitos outros, com níveis mais baixos de competências, o futuro pode parecer menos seguro. No respeitante à literacia, havia efetivamente quase tantos *millennials* com um desempenho de Nível 2 ou abaixo como os que tinham obtido o Nível 3 ou acima (Figura 2). Na numeracia, havia mesmo mais *millennials* (aproximadamente mais 15 milhões) que tiveram um desempenho de Nível 2 ou abaixo do que aqueles que atingiram o Nível 3 ou acima.

⁴⁶ *OECD Skills Outlook 2013*.

Figura 2: Percentagem estimada e número de *millennials* nos níveis de proficiência selecionados nas escalas de literacia e numeracia, no PIAAC: 2012/2014.



*Nível 2 ou inferior = Nível 1 ou inferior e Nível 2.

**Nível 3 ou acima = Níveis 3, 4 & 5.

Nota: Os totais baseiam-se na soma dos números, sem arredondamento.

Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), Programa Internacional para a Avaliação das Competências dos Adultos (PIAAC), 2012/2014.

A existência de um número elevado de jovens adultos com um desempenho de Nível 2 ou inferior, combinada com o fraco desempenho dos *millennials* dos EUA quando comparados com os seus homólogos internacionais, é preocupante. Nos Estados Unidos, o baixo nível de competências tem impacto em vários aspetos da vida dos indivíduos, desde os mais óbvios, como o emprego e a educação, até outros menos óbvios, mas igualmente importantes, como os níveis de confiança e envolvimento na sociedade. Como é que estas dotações de capital humano e social, multiplicadas por milhões, afetam a sociedade como um todo? Numa perspetiva global, o nível medíocre de competências de literacia dos residentes adultos dos EUA e o seu fraco desempenho em numeracia colocam a questão da capacidade competitiva internacional dos Estados Unidos. Para além disso, e adotando uma perspetiva de longo prazo, precisamos de ter em linha de conta as oportunidades que se perdem quando tantas pessoas jovens nos EUA são potencialmente relegadas para as margens da sociedade.

7. Quem São Os Nossos *Millennials* Com Baixos Níveis de Competências?

Os *millennials* já foram designados como “o grupo de adultos mais etnicamente diverso na história americana” e calcula-se que a sua descendência, nas próximas décadas, seja ainda mais diversa.⁴⁷ Em *Diversity Explosion: How New Racial Demographics Are Remaking America* [A

⁴⁷ William H. Frey, *In the U.S., Diversity is the New Majority*, Brookings Institution, 6 de março de 2015, <https://www.brookings.edu/opinions/in-the-u-s-diversity-is-the-new-majority/>.

Explosão da Diversidade: Como a Nova Demografia Racial Está a Reconstruir a América] (2014), o demógrafo William Frey mostra como é importante estar atento às tendências demográficas que afetam a população de *millennials*. “É essencial perguntarmo-nos quão bem posicionada está – e estará – esta população para se sustentar a si e às suas comunidades”, avisa Frey. “Têm que estar bem formados. Têm que estar preparados para empregos que envolvem tecnologia avançada, os trabalhos de classe média, ou pelo menos ter a capacidade para se sustentarem e para sustentar a sua comunidade”.⁴⁸ Apesar dos medos que as mudanças demográficas às vezes provocam no curto prazo, Frey defende que “investir nos jovens pertencentes a minorias – que [para alguns] ainda não são vistos como os seus filhos e netos – é crucial não apenas para o sucesso da economia nacional, mas também para as contribuições para programas governamentais como a Segurança Social e o *Medicare*”.⁴⁹ Resumindo, quanto mais depressa percebermos que as diferenças acentuadas a nível de competências entre os diferentes grupos, e dentro de cada grupo, fazem parte de um problema geral que afeta a população *como um todo*, melhor ficaremos.

O presente texto oferece mais abaixo uma descrição estatística dos *millennials* por género, raça/etnicidade e naturalidade/língua, distribuídos pelos níveis de proficiência acima discutidos. Estes dados levantam duas questões importantes relacionadas entre si. Por um lado, eles refletem diferenças acentuadas no desempenho (especialmente a diferença racial/étnica), que nós – e muitos outros – acreditamos resultarem das desigualdades de acesso a oportunidades dentro do país.⁵⁰ Ao mesmo tempo, e em termos de números absolutos, o problema do baixo nível de competências na nossa população de *millennials* é de âmbito geral, tendo, portanto, implicações para todos nós.

7.1. Género

Há, em geral, uma percentagem ligeiramente superior de indivíduos do sexo masculino do que de indivíduos do sexo feminino na população de *millennials* (Tabela 3). A reduzida diferença na classificação de literacia do PIAAC entre *millennials* do sexo masculino (276) e do sexo feminino (278) não é estatisticamente significativa. A proximidade relativa nas classificações em literacia dos jovens do sexo masculino e do sexo feminino contrasta com as avaliações nacionais e internacionais de crianças em idade escolar, que revelam uma diferença de género favorável às raparigas.⁵¹ Contudo,

⁴⁸William H. Frey, entrevista por Tavis Smiley, PBS, 17 de fevereiro de 2015, <http://www.pbs.org/wnet/tavissmiley/interviews/demographerauthor-william-h-frey/>.

⁴⁹Frey, *In the U.S.*

⁵⁰Kirsch *et al.*, *Choosing Our Future*; Sean F. Reardon, Demetra Kalogrides, e Ken Shores (2017), *The Geography of Racial/Ethnic Test Score Gaps*, Stanford University, Center for Education Policy Analysis, <https://cepa.stanford.edu/content/geography-raciaethnic-test-score-gaps>.

⁵¹ Para os resultados de leitura da NAEP por género, no 12.º ano, ver https://www.nationsreportcard.gov/reading_math_g12_2015/#reading?grade=12; Houve quem afirmasse que a ausência de diferenças entre géneros no PIAAC estaria relacionada com o facto de a literacia, no PIAAC, ser

SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), “Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.”, *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175

no que diz respeito à numeracia, no PIAAC, os *millennials* do sexo masculino obtiveram uma classificação mais alta do que as suas equivalentes do sexo feminino; e uma percentagem mais elevada de jovens adultos obteve uma classificação de Nível 1 ou inferior ou de Nível 2, quando em comparação com a classificação obtida neste domínio pelos jovens do sexo masculino, verificando-se também uma percentagem mais reduzida de mulheres a obter o Nível 3 ou acima. Esta diferença no desempenho entre homens e mulheres no que diz respeito à numeracia encontra paralelo no que acontece em matéria de desempenho internacional dos estudantes dos EUA com 15 anos de idade e também no que acontece com os alunos do 12.º ano avaliados no quadro nacional.⁵²

A diferença entre géneros observável na numeracia está relacionada com questões curriculares e estruturais na educação, com as escolhas profissionais e mesmo com a utilização de competências no plano profissional, todas questões que exigem mais investigação.⁵³

Tabela 3: Distribuição percentual, classificações médias, número estimado e percentagem dos indivíduos com desempenho nos níveis de proficiência selecionados nas escalas de literacia e numeracia do PIAAC, para os *millennials*, divididos por género: 2012/2014.

	População <i>Millennial</i> total		Classificações Médias	Nível de Proficiência					
				No ou Abaixo do Nível 1		No Nível 2		No ou Acima do Nível 3	
	Estimativa (milhões)	%		Estimativa (milhões)	%	Estimativa (milhões)	%	Estimativa (milhões)	%
LITERACIA									
Feminino	37.6	49	278	4.4	12*	13.1	35	20.1	53
Masculino	39.1	51	276	6	15	12.7	32	20.4	52
NUMERACIA									
Feminino	37.6	49	255*	10.4	28*	14	37*	13.2	35*
Masculino	39.1	51	267	9	23	12.6	32	17.5	45

* Estatisticamente diferente ($p < .05$) de “indivíduo do sexo masculino”.

Nota: Os totais baseiam-se na soma dos números, sem arredondamento.

Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), Programa Internacional para a Avaliação das Competências dos Adultos (PIAAC), 2012/2014.

definida de forma diferente o que é a leitura, ou a compreensão da leitura, na NAEP e no PISA. Ver Oddny Judith Solheim e Kjersti Lundetræ, "Can Test Construction Account for Varying Gender Differences in International Reading Achievement Tests of Children, Adolescents and Young Adults? – A Study Based on Nordic Results in PIRLS, PISA and PIAAC", *Assessment in Education: Principles, Policy & Practice*, (2016), doi:10.1080/0969594X.2016.1239612. https://nces.ed.gov/surveys/pisa/pisa2015/pisa2015highlights_4c.asp.

⁵² Para os resultados de matemática do NAEP por género. no 12.º ano, ver https://www.nationsreportcard.gov/reading_math_g12_2015/#mathematics/gaps. Para os resultados de matemática do PISA, ver https://nces.ed.gov/surveys/pisa/pisa2015/pisa2015highlights_5c.asp.

⁵³ *OECD Skills Outlook 2013*; Danielle J. Lindemann, *Gender and Numeracy Skill Use: Cross-National Revelations from PIAAC* (Washington, DC: American Institutes for Research, 2015), <https://ion.workforcegps.org/sitecore/content/sites/strategies/resources/2015/11/24/19/31/Gender-and-Numeracy-Skill-Use-Cross-National-Revelations-from-PIAAC?p=1>; Fogg, Harrington, e Khatiwada, *Human Capital Investments*.

7.2. Raça/Etnicidade

De acordo com os dados do PIAAC, 59% dos *millennials* inquiridos identificam-se como brancos, 19% como hispânicos, 14% como negros e 8% como pertencendo a outros grupos étnico-raciais.⁵⁴ A Tabela 4 mostra que a probabilidade de os *millennials* negros terem um desempenho de Nível 1 ou inferior em literacia é três vezes maior do que a dos *millennials* brancos, sendo a dos *millennials* hispânicos quatro vezes superior. A diferença de 3 pontos percentuais entre negros e hispânicos que tiveram uma classificação de Nível 1 ou inferior em literacia não é estatisticamente significativa. No Nível 2, também não se verificou uma diferença estatisticamente significativa no desempenho de negros e hispânicos (46% e 40%, respetivamente), sendo que os *millennials* brancos ou de outros grupos étnico-raciais obtiveram percentagens mais baixas neste nível do que os *millennials* negros ou hispânicos. Em numeracia, o padrão de desempenho entre grupos étnico-raciais é ligeiramente diferente. Embora haja uma percentagem maior de *millennials* brancos e de outros grupos raciais (52% e 47%, respetivamente) do que de *millennials* negros e hispânicos a obter uma classificação de Nível 3 ou superior (e uma percentagem menor no Nível 1 ou abaixo), não havia diferença de percentagens entre os grupos étnico-raciais que ficaram classificados no Nível 2.

Tabela 4: Distribuição percentual, classificações médias, número estimado e percentagem dos indivíduos com desempenho nos níveis de proficiência selecionados nas escalas de literacia e numeracia do PIAAC, para os *millennials*, divididos por raça/etnicidade: 2012/2014.

	População <i>Millennial</i> total		Classificações Médias	Nível de Proficiência					
				No ou Abaixo do Nível 1		No Nível 2		No ou Acima do Nível 3	
	Estimativa (milhões)	%		Estimativa (milhões)	%	Estimativa (milhões)	%	Estimativa (milhões)	%
LITERACIA									
Branços	45	59	290	3	7	13	29	29	64
Negros	10.6	14	254	2.6	24	4.9	46	3.1	29
Hispânicos	14.5	19	253	3.9	27	5.8	40	4.8	33
Outros grupos étnico-raciais	6.3	8	281	0.8	13	1.9	31	3.6	56
NUMERACIA									
Branços	45	59	277	6.5	14	15.3	34	23.2	52
Negros	10.6	14	224	5.5	52	3.7	35	1.3	13
Hispânicos	14.5	19	235	6.1	42	5.3	37	3.1	21
Outros grupos étnico-raciais	6.3	8	268	1.2	19	2.1	34	3	47

⁵⁴ O grupo étnico-racial é uma variável derivada baseada em duas questões sobre raça e etnicidade no PIAAC. Utilizámos a variável derivada que inclui quatro categorias de raça/etnicidade: branco, negro, hispânico e outro. Uma segunda variável derivada divide os dados numa quinta categoria, asiático. No entanto, devido às normas de elaboração deste texto, a utilização desta versão reduziria a nossa capacidade de comunicar dados.

SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), "Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.", *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175

Nota: Os totais baseiam-se na soma dos números, sem arredondamento.

Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), Programa Internacional para a Avaliação das Competências dos Adultos (PIAAC), 2012/2014

A magnitude das diferenças observadas entre grupos étnico-raciais é profundamente inquietante. Estudos mostram que a segregação por rendimento é cada vez maior nos Estados Unidos da América, havendo também uma longa história de segregação étnico-racial, e que estas realidades estruturais sobrepostas desempenham seguramente um papel decisivo na produção e perpetuação das diferenças de desempenho observadas entre grupos étnico-raciais ao longo dos 12 anos de escolaridade primária e secundária.⁵⁵ As mesmas desigualdades podem estar na base de muitas das diferenças observadas nos dados do PIAAC para os níveis de competência. Não surpreende que estas diferenças sejam notórias nos dados relativos às competências da população de jovens adultos. Mas o que isto nos diz acerca da igualdade no presente e no futuro é bastante preocupante.

Deixando por um momento de lado os fatores que subjazem às diferenças significativas entre o desempenho dos grupos étnico-raciais nas avaliações nacionais e internacionais, os dados do PIAAC sobre os jovens adultos mostram que, em termos quantitativos, o problema das competências desadequadas é transversal aos diversos grupos.⁵⁶ Mais de 16 milhões de *millennials* brancos obtiveram classificações de Nível 1 ou inferior ou de Nível 2, em literacia, e 22 milhões obtiveram tais níveis no domínio da numeracia.

7.3. Naturalidade e língua

Para dar conta da interseção entre a naturalidade e a língua, a nossa escala utiliza uma variável

⁵⁵ Ray Chetty, Michael Stepner, Sarah Abraham, Shelby Lin, Benjamin Scuderi, Nicholas Turner, Augustin Bergeron, e David Cutler, "The Association Between Income and Life Expectancy in the United States, 2001-2014," *Journal of the American Medical Association* 315, no. 16, (2016): 1750-1766, doi:10.1001/jama.2016.4226; Fabian T. Pfeffer e Alexandra Killewald, *Generations of Advantage. Multigenerational Correlations in Wealth from a Life-Course Perspective* (2017), <https://doi.org/10.1093/sf/sox086>; Martin Carnoy e Emma Garcia, *Five Key Trends in U.S. Student Performance* (Washington, DC: Economic Policy Institute, 2017), disponível em <http://www.epi.org/publication/five-key-trends-in-u-s-student-performance-progress-by-blacks-and-hispanics-the-takeoff-of-asians-the-stall-of-non-english-speakers-the-persistence-of-socioeconomic-gaps-and-the-damaging-effect/>; Raj Chetty, Nathaniel Hendren e Lawrence F. Katz, "The Effects of Exposure to Better Neighborhoods on Children: New Evidence; from the Moving to Opportunity Experiment," *American Economic Review* 106, no. 4 (2016): 855-902; Reardon, Kalogrides, e Shore, *Racial/Ethnic Test Score Gaps*; Douglas S. Massey e Jonathan Tannen, "Segregation, Race, and the Social Worlds of Rich and Poor," in *The Dynamics of Opportunity in America: Evidence and Perspectives*, ed. Irwin Kirsch e Henry Braun (Nova Iorque: Springer, 2016), 13-33; Gary Orfield, John Kucsera e Genevieve Siegel-Hawley, *E Pluribus ... Separation: Deepening Double Segregation for More Students*, UCLA, The Civil Rights Project, <http://escholarship.org/uc/item/8g58m2v9>.

⁵⁶ Sean F. Reardon, "The Widening Academic Achievement Gap between the Rich and the Poor: New Evidence and Possible Explanations," in *Whither Opportunity? Rising Inequality, Schools, and Children's Life Chance* (Nova Iorque: Russell Sage Foundation, 2011), 91-116.

combinada de “autóctone *ou* língua materna” *versus* “nascido no estrangeiro *e* língua estrangeira”. Isto permite-nos distinguir entre os *millennials* para os quais o inglês é a primeira língua e aqueles para os quais não é. No resto do artigo, designaremos o grupo dos autóctones ou falantes da língua materna com recurso à categoria “língua materna” e o grupo dos nascidos no estrangeiro e de língua estrangeira com recurso à categoria “língua estrangeira”.

A crescente heterogeneidade da população jovem adulta dos EUA faz parte de um fenómeno global que marca vários outros países, designadamente muitos países da OCDE. Embora os Estados Unidos tenham o maior número *absoluto* de imigrantes, os *millennials* de língua estrangeira representam apenas 9% da população total de *millennials*. Este valor é inferior à percentagem de *millennials* de língua estrangeira em vários outros países da OCDE, incluindo, por exemplo, a Áustria (13%), o Canadá (15%), a Alemanha (11%), a Noruega (14%) e a Suécia (15%) (Tabela A-4, Anexos). A comparação das competências dos *millennials* de língua materna com as dos seus homólogos de um subconjunto de outros países com percentagens semelhantes de *millennials* de língua estrangeira revela vários pontos importantes.⁵⁷ Em primeiro lugar, na literacia, os *millennials* de língua materna dos EUA obtiveram, em média, uma classificação mais elevada do que os seus homólogos de língua materna em apenas três países (Irlanda, Espanha e Itália). Em segundo lugar, no domínio da numeracia, os falantes de língua materna dos EUA obtiveram uma classificação média superior à dos seus homólogos de apenas um país – Espanha. Em terceiro lugar, os *millennials* de língua estrangeira nos Estados Unidos obtiveram, em média, resultados mais elevados do que os seus homólogos de língua estrangeira em apenas três países (Suécia, Espanha e Itália), no caso da literacia, e em apenas dois países (Espanha e França), no caso da numeracia (Tabela A-5, Anexos).

No nosso subconjunto de países, os *millennials* de língua materna obtiveram, em média, pontuações mais elevadas do que os seus equivalentes de língua estrangeira, tanto em literacia como em numeracia, e houve uma percentagem menor de *millennials* de língua materna a obter um desempenho nos níveis de proficiência mais baixos (Tabela A-6, Anexo). Este é, em grande medida, um resultado esperado, dado que o PIAAC é administrado nos países da OCDE na língua materna do país de acolhimento. As análises comparativas revelam que a diferença observada entre adultos de língua estrangeira e de língua materna em todos os países está relacionada com o país de origem, os níveis de escolaridade, a idade aquando da imigração e o acesso/experiência escolar nos países de

⁵⁷ Para efeitos de comparação, analisamos aqui o subconjunto de países da OCDE que têm percentagens iguais ou superiores de *millennials* nascidos no estrangeiro/de língua estrangeira. Estes incluem os seguintes países: Austrália, Áustria, Canadá, Dinamarca, França, Alemanha, Irlanda, Itália, Países Baixos, Noruega, Espanha, Suécia e Inglaterra/Irlanda do Norte. Para dados sobre os *millennials* de língua materna/língua estrangeira nestes países, consultar os quadros A-4, A-5 e A-6 do Anexo.

acolhimento.⁵⁸ Para além da questão das diferenças de desempenho entre os grupos de língua materna e língua estrangeira, o número de *millennials* de língua materna dos EUA no grupo com baixos níveis de competências é visivelmente elevado. Em termos de literacia, quase 8 milhões tiveram um desempenho igual ou inferior ao Nível 1, com outros 23 milhões a terem um desempenho de Nível 2. Estes números são ainda maiores, mais uma vez, no domínio da numeracia. Cerca de 16,4 milhões de *millennials* de língua materna tiveram um desempenho igual ou inferior ao Nível 1, com 24,4 milhões a terem um desempenho de Nível 2 (Tabela 5).

Tabela 5: Distribuição percentual, classificações médias e número e percentagem estimados de pessoas nos níveis de proficiência selecionados nas escalas de literacia e numeracia do PIAAC, para os *millennials*, divididos por nacionalidade/língua: 2012/2014.

	População <i>Millennial</i> total		Classificações Médias	Nível de Proficiência					
				No ou Abaixo do Nível 1		No Nível 2		No ou Acima do Nível 3	
	Estimativa (milhões)	%		Estimativa (milhões)	%	Estimativa (milhões)	%	Estimativa (milhões)	%
LITERACIA									
Autóctone ou língua materna	69.6	91	281	7.8	11	23.4	34	38.3	55
Nascido no estrangeiro e língua estrangeira	6.9	9	245*	2.5	37*	2.2	32	2.1	31*
NUMERACIA									
Autóctone ou língua materna	69.6	91	263	16.4	24	24.4	35	28.7	41
Nascido no estrangeiro e língua estrangeira	6.9	9	236*	3	43*	2	30	1.9	28*

*Estatisticamente diferente ($p < .05$) de "autóctone ou língua materna".

Nota: Os totais são baseados na soma dos números, sem arredondamento.

Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), *Programa Internacional para a Avaliação das Competências dos Adultos (PIAAC)*, 2012/2014

⁵⁸ Goodman, Sands e Coley, *America's Skills Challenge*; Jeanne Batalova e Michael Fix, *Through an Immigrant Lens: PIAAC Assessment of the Competencies of Adults in the United States* (Washington, DC: Migration Policy Institute, 2015), <http://www.migrationpolicy.org/research/through-immigrant-lens-piaac-assessment-competencies-adults-united-states>; Jeanne Batalova e Michael Fix, *Literacy and Numeracy Skills of Second-Generation Adults: A Comparative Study of Canada, France, Germany the United Kingdom and the United States* (Washington, DC: Migration Policy Institute, 2016), https://static1.squarespace.com/static/51bb74b8e4b0139570ddf020/t/578d1e95579fb360acc952bf/1468866198724/Batalova_Fix_PIAAC.pdf; Mark Levels, Japp Dronkers e Christopher Jencks, "Contextual Explanations for Numeracy and Literacy Skill Disparities between Native and Foreign-Born Adults in Western Countries", *PLOS ONE*, doi.org/10.1371/journal.pone*.0172087; John Sabatini, *Understanding the Basic Reading Skills of U.S. Adults: Reading Components in the PIAAC Literacy Survey* (Princeton, NJ: Educational Testing Service, 2015), <https://www.ets.org/s/research/report/reading-skills/ets-adult-reading-skills-2015.pdf>.

Passamos agora de uma análise do perfil demográfico dos *millennials* dos EUA e da sua relação com as competências para uma investigação da forma como o emprego e a participação em atividades educativas se relacionam com os níveis de competências.

8. *Millennials* em Transição

De um modo geral, os *millennials* encontram-se numa fase de transição em termos dos seus papéis sociais, à medida que se aproximam e avançam na idade adulta; muitos continuam a tentar concretizar os seus objetivos educativos, a entrar no mercado de trabalho, a constituir o seu primeiro agregado doméstico e a criar as suas próprias famílias. A investigação em demografia determinou que a transição para a idade adulta desta população se prolonga frequentemente para além dos 25 anos.⁵⁹ Há, de facto, um consenso crescente entre os demógrafos de que, desde a década de 1980, os EUA têm assistido a um padrão de “prolongamento” da transição para a idade adulta, em contraste com uma fase de transição mais rápida em meados do século XX. No período do pós-Segunda Guerra Mundial (aproximadamente de 1945 a finais da década de 1970), as forças económicas, políticas e sociais convergiram para permitir que um maior número de adultos residentes nos EUA, embora certamente não todos, conseguisse um emprego remunerado ao sair das instituições de ensino (frequentemente do ensino secundário), casasse em idades mais jovens e constituísse família. Durante algum tempo, os demógrafos consideraram que se tratava de uma nova norma, que se diferenciava de um padrão observável no final do século XIX e início do século XX, em que os jovens adultos faziam a transição para a independência mais lentamente (por exemplo, casando e constituindo agregados familiares mais tarde). No entanto, quando analisada numa perspetiva mais alargada, esta fase de transição mais curta dos jovens adultos de meados do século XX parece agora mais o desvio do que a norma. Os *millennials* estão, enquanto grupo, a adiar o fim da escolaridade e a constituição de agregados familiares com um parceiro.⁶⁰

Por conseguinte, é claramente útil considerar se o emprego e o estatuto de estudante (inscrito ou não no ensino formal) afetam os níveis de competências deste grupo, e de que modo o fazem. Tanto em termos de literacia, como de numeracia, os *millennials* que estavam simultaneamente empregados a tempo inteiro e envolvidos em atividades educativas formais apresentavam a percentagem mais elevada de desempenho de Nível 3 ou superior, bem como a percentagem mais baixa de desempenho de Nível 1 ou inferior ou de Nível 2 (Tabela 6). Estes são, essencialmente, os *millennials* duplamente empenhados. No outro extremo do espectro, os *millennials* que estavam

⁵⁹ Ver Reid Cramer, "Millennials Rising" e Pew Research Center, disponível em <http://www.pewresearch.org/topics/millennials/>.

⁶⁰ Jordan Stanger-Ross, Christina Collins e Mark J. Stern, "Falling Far from the Tree: Transitions to Adulthood and the Social History of Twentieth-Century America", *Social Science History* 29, no. 4 (2005): 625-648.

SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), “Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.”, *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175

desempregados e não estavam inscritos no ensino representavam quase o dobro da percentagem (26% em literacia e 47% em numeracia) no Nível 1 ou abaixo deste, em comparação com os *millennials* em geral (14% em literacia e 25% em numeracia). Estes dados corroboram em grande medida as conclusões da literatura que se debruça sobre a “desconexão”, e que este artigo anteriormente referiu. De um modo geral, aqueles que não têm laços com o mercado de trabalho e a educação representam alguns dos nossos jovens adultos mais vulneráveis e correm um risco maior de ter resultados negativos na vida.⁶¹

⁶¹ Congressional Research Service, *Disconnected Youth*.

Tabela 6: Percentagem de *millennials* nos níveis de proficiência selecionados nas escalas de literacia e numeracia do PIAAC, divididos por situação profissional e educativa.

LITERACIA

	No ou Abaixo do Nível 1	No Nível 2	No ou Acima do Nível 3	Total
Total	14	34	53	100
Situação profissional				
Empregado a tempo inteiro(35+horas/semana)	12	30	58	100
Empregado 1-35 horas	12	35	53	100
Fora da força laboral	15	37	48	100
Desempregado	22	41	37	100
Situação profissional e educativa				
<i>Inscritos em Educação</i>				
Empregado a tempo inteiro (35+ horas/semana)	7	27	66	100
Empregado 1-35 horas	9	34	57	100
Fora da força laboral	13	36	52	100
Desempregado	17	39	44	100
<i>Não inscritos em Educação</i>				
Empregado a tempo inteiro (35+ horas/semana)	13	31	56	100
Empregado 1-35 horas	16	37	47	100
Fora da força laboral	20	38	42	100
Desempregado	26	43	31	100

NUMERACIA

	No ou Abaixo do Nível 1	No Nível 2	No ou Acima do Nível 3	Total
Total	25	35	40	100
Situação profissional				
Empregado a tempo inteiro (35+ horas/semana)	20	33	47	100
Empregado 1-35 horas	24	37	38	100
Fora da força laboral	32	34	34	100
Desempregado	41	37	22	100
Situação laboral e educative				
<i>Inscritos em Educação</i>				
Empregado a tempo inteiro (35+ horas/semana)	15	32	53	100
Empregado 1-35 horas	19	37	44	100
Fora da força laboral	29	33	38	100
Desempregado	35	40	25	100
<i>Não inscritos em Educação</i>				
Empregado a tempo inteiro (35+ horas/semana)	21	33	45	100
Empregado 1-35 horas	31	38	31	100
Fora da força laboral	36	36	28	100
Desempregado	47	35	18	100

Nota: Ver Quadro A-3 do Anexo para dados pormenorizados e erros-padrão.

Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), *Programa Internacional para a Avaliação das Competências dos Adultos (PIAAC)*, 2012/2014

Os dados do PIAAC assinalam, no entanto, que ter um emprego não garante, por si só, a posse de competências. Nem tampouco o garantem, aparentemente, algumas vias do ensino secundário e pós-secundário formal. As Tabelas 7 e 8 permitem-nos ver os dados de forma ligeiramente diferente, e destacar a questão da conexão - tanto à educação como ao emprego -, na sua relação com as competências. Nestas tabelas, as percentagens são calculadas com base no número total *em cada nível de competências*, e não numa categoria de emprego/educação, como era o caso na Tabela 6. Quando o fazemos, observamos que, dos cerca de 10,4 milhões de *millennials* que tiveram um desempenho igual ou inferior ao Nível 1 em literacia, 30% – ou aproximadamente 3,1 milhões – estavam inscritos na educação formal/em programas certificados. Relativamente à numeracia, dos cerca de 19,4 milhões de *millennials* que tiveram um desempenho igual ou inferior ao Nível 1, cerca de 35% deles, ou seja, 6,9 milhões, estavam matriculados no ensino na altura de realização do inquérito do PIAAC.

Tabela 7: Estimativa do número e da percentagem de *millennials* por desempenho nos níveis de proficiência selecionados nas escalas de literacia e numeracia do PIAAC, divididos por situação escolar atual: 2012/2014.

	População <i>Millennial</i> total	Inscritos em Educação		Não inscritos em Educação	
	Estimativa (milhões)	Estimativa (milhões)	%	Estimativa (milhões)	%
LITERACIA					
No ou Abaixo do Nível 1	10.4	3.1	30*	7.2	70*
No Nível 2	25.7	10.0	39	15.7	61
No ou Acima do Nível 3	40.5	16.5	41	24.0	59
NUMERACIA					
No ou Abaixo do Nível 1	19.4	6.9	35*	12.5	65*
No Nível 2	26.6	10.4	39	16.2	61
No ou Acima do Nível 3	30.7	12.4	41	18.2	59

* Estatisticamente diferente ($p < 0,05$) de "No Nível 3 ou superior".

Nota: Os totais são baseados na soma dos números, sem arredondamento.

Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento *Económico (OCDE)*, Programa Internacional para a Avaliação das Competências dos Adultos (PIAAC), 2012/2014

Para compreender melhor a relação entre as competências – e, em particular, as competências mais baixas – e a educação, analisámos os *millennials* atualmente matriculados no ensino segundo o seu nível de escolaridade mais elevado (Tabela 8). Dos cerca de 3 milhões de *millennials* dos EUA com baixa classificação no domínio da literacia que estavam matriculados no ensino, quase dois terços (62%) tinham menos do que o ensino secundário. No que diz respeito à numeracia, dos cerca de 7 milhões de *millennials* com baixa classificação em numeracia inscritos no ensino formal, 56% tinham menos do que o ensino secundário. Embora mais de metade destes *millennials* fosse estudante do ensino secundário, ou estivesse, aquando do PIAAC, a obter uma equivalência ao ensino secundário, o desempenho no Nível 1 ou inferior deveria ser motivo de grande preocupação.⁶² Com competências de tal modo baixas, estes indivíduos enfrentarão provavelmente obstáculos substanciais para concluir com êxito um curso pós-secundário de dois ou quatro anos, ou para progredir no mercado de trabalho.⁶³

Igualmente surpreendente, porém, é que 34% dos que tiveram um desempenho igual ou inferior ao Nível 1 em literacia, e 37% dos que tiveram os mesmos resultados em numeracia, estavam de facto inscritos no ensino formal e tinham o ensino secundário/frequência do ensino superior (não diplomados). Além disso, dos *millennials* que obtiveram resultados de Nível 2, 42%, na literacia, e

⁶² Sabatini, *Basic Reading Skills*.

⁶³ Russell W. Rumberger e Sun Ah Lim, *Why Students Drop Out of School: A Review of 25 Years of Research*, Vol. 15 (Santa Barbara, CA: California Dropout Research Project Report, 2008).

SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), "Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.", *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175

46%, na numeracia, estavam inscritos no ensino formal e tinham o ensino secundário/frequência do ensino superior (não diplomado).

Tabela 8: Estimativa do número e da percentagem de *millennials* por nível de escolaridade atual e desempenho nos níveis de proficiência selecionados nas escalas de literacia e numeracia do PIAAC, divididos por nível de escolaridade: 2012/2014.

	Menos do que o Ensino Secundário		Ensino Secundário/ Ensino Superior (sem grau académico)		Ensino Superior ou mais (<i>Associate</i> , Licenciatura, Doutoramento)		Total	
	Estimativa	%	Estimativa	%	Estimativa	%	Estimativa	%
Inscritos em Educação								
LITERACIA								
No ou Abaixo do Nível 1	1,900,000	62*	1,100,000	34*	100,000	5*	3,100,000	100
No Nível 2	4,300,000	43*	4,200,000	42	1,400,000	14*	10,000,000	100
No ou Acima do Nível 3	3,300,000	20	8,000,000	48	5,200,000	31	16,500,000	100
NUMERACIA								
No ou Abaixo do Nível 1	3,800,000	56*	2,500,000	37*	500,000	7*	6,900,000	100
No Nível 2	3,700,000	36*	4,700,000	46*	2,000,000	19*	10,400,000	100
No ou Acima do Nível 3	2,100,000	17	6,000,000	49	4,300,000	35	12,400,000	100
Não inscritos em Educação								
LITERACIA								
No ou Abaixo do Nível 1	2,600,000	36*	4,200,000	58*	500,000	6*	7,200,000	100
No Nível 2	2,100,000	13*	10,500,000	67*	3,100,000	20*	15,700,000	100
No ou Acima do Nível 3	900,000	4	9,800,000	41	13,300,000	55	24,000,000	100
NUMERACIA								
No ou Abaixo do Nível 1	3,500,000	28*	7,800,000	63*	1,100,000	9*	12,500,000	100
No Nível 2	1,500,000	9*	10,300,000	64*	4,300,000	27*	16,200,000	100
No ou Acima do Nível 3	500,000	3	6,400,000	35	11,400,000	62	18,200,000	100

*Estatisticamente diferente ($p < .05$) de "No Nível 3 ou superior".

Nota: Os totais são baseados na soma dos números, sem arredondamento.

Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), Programa Internacional para a Avaliação das Competências dos Adultos (PIAAC), 2012/2014

Os dados do PIAAC vão ao encontro, neste ponto, de uma série de trabalhos académicos acerca das diferenças relevantes nos tipos e na qualidade dos programas de educação/certificação/formação oferecidos aos *millennials*, e assinalam que, num país tão grande e diversificado como os Estados

Unidos da América, o ensino pós-secundário está “longe de ser um produto padronizado”.⁶⁴ Além disso, estas conclusões vão ao encontro de uma literatura robusta que analisa a questão da equidade no que respeita ao ensino superior. Estudos recentes documentaram que muitos dos que iniciam o ensino superior e não o terminam, bem como muitos dos que frequentam instituições com fins lucrativos não regulamentadas, começam e terminam frequentemente em clara desvantagem. É provável que a complexa interação entre as disparidades étnico-raciais e de rendimento esteja aqui, de várias formas, em jogo.⁶⁵ Por exemplo, em média, os estudantes negros e com baixos rendimentos contraem mais empréstimos – e com maior frequência – do que os estudantes brancos e com rendimentos mais elevados, para pagarem a sua licenciatura, mesmo em instituições públicas.

Além disso, o endividamento dos estudantes negros e com rendimentos mais baixos para obterem graus de “associado” [NT: grau de ensino pós-secundário obtido ao fim de dois ou três anos, abaixo do nível da licenciatura] e graus em instituições de ensino superior com fins lucrativos aumentou na última década, apesar de alguns destes graus conferirem muitas vezes poucas competências e escassas perspectivas de emprego.⁶⁶ A dívida estudantil contraída para pagar estes graus é também muitas vezes diferenciada em função do rendimento e da raça/etnia, colocando demasiados *millennials* e suas famílias em situação de risco face a outras dificuldades económicas no futuro.⁶⁷

O número de *millennials* ligados nos EUA ao mercado de trabalho e com baixo desempenho é outro aspeto da questão relacionada com a noção de “conexão” que merece uma análise mais aprofundada. Também neste caso, especialmente num mercado de trabalho como o dos Estados Unidos, que tem uma grande proporção de empregos na extremidade inferior do espectro

⁶⁴ Fogg, Harrington e Khatiwada, *Human Capital Investments*.

⁶⁵ Raj Chetty, John N. Friedman, Emmanuel Saez, Nicholas Turner e Danny Yagan (2017), *Mobility Report Cards: The Role of Colleges in Intergenerational Mobility*, NBER Report No. w23618 (Cambridge, MA: National Bureau of Economic Research, 2017); Harry J. Holzer, "Improving Opportunity Through Better Human Capital Investments for the Labor Market", in *The Dynamics of Opportunity in America: Evidence and Perspectives*, ed. Irwin Kirsch e Henry Braun (Nova Iorque: Springer, 2016), 387-412; Margaret Cahalan e Laura Perna, "Indicators of Higher Education Equity in the United States: 45 Year Trend Report," *Pell Institute for the Study of Opportunity in Higher Education* (Filadélfia: Pell Institute for the Study of Opportunity in Higher Education, 2015), <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED555865.pdf>.

⁶⁶ Sara Goldrick, Robert Kelchen e Jason Houle, "The Color of Student Debt: Implications of Federal Loan Program Reforms for Black Students and Historically Black Colleges and Universities" (Madison, WI: Wisconsin HOPE Lab, 2014); Mark Huelsman, *The Debt Divide: The Racial and Class Bias Behind the 'New Normal' of Student Borrowing* (Nova Iorque: Demos, 2015), <http://www.demos.org/publication/debt-divide-racial-and-class-bias-behind-new-normal-student-borrowing>.

⁶⁷ Judith Scott-Clayton e Jing Li, *Black-White Disparity in Student Loan Debt More than Triples after Graduation*, Evidence Speaks Report (Washington, DC: Brookings Institution, 2016); Rumberger e Lim, *Why Students Drop Out*.

SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), “Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.”, *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175

de competências, o facto de ter um emprego não protege de forma alguma os indivíduos da exposição às dificuldades associadas às baixas competências.⁶⁸ De facto, como um estudo demonstrou, embora muitos indivíduos com baixas competências tenham elevada probabilidade de estar empregados nos Estados Unidos, este emprego muitas vezes não oferece grande proteção. As pessoas empregadas com baixas competências correm maior risco de evicção do mercado de trabalho em caso de recessão económica, bem como de recebimento de salários baixos, não se encontrando muitas vezes em condições de melhorar as suas competências.⁶⁹ Dos cerca de 10,4 milhões de *millennials* que tiveram em literacia um desempenho igual ou inferior ao Nível 1, quase dois terços (65%) estavam empregados a tempo inteiro (43%) ou a tempo parcial (22%) (Tabela 9). Isto significa que aproximadamente 6,7 milhões de *millennials* com alguma ligação ao mercado de trabalho podem ter dificuldades decorrentes das baixas competências de literacia, como as que resultem de dificuldades em ajuizar, comparar ou contrastar a informação fornecida. Quando olhamos para o desempenho no domínio da numeracia, os números são ainda mais impressionantes: estima-se que 12 milhões de *millennials* que trabalham a tempo inteiro ou parcial possam ter dificuldades relacionadas com as baixas competências de numeracia, tais como as que decorrem de dificuldades para identificar e fazer operações com base em informações e ideias numéricas – mesmo quando estas estão inseridas em contextos comuns, em que o conteúdo é bastante explícito ou visual e a informação é transmitida com poucas distrações.

⁶⁸ C. Brett Lockard, *Occupational Employment Projections to 2020* (Washington, DC: Bureau of Labor Statistics, 2012), <https://www.bls.gov/opub/mlr/2012/01/art5full.pdf> ; *OECD Skills Outlook 2013*.

⁶⁹ OECD, *Time for the U.S.*

Tabela 9: Estimativa do número e da percentagem de *millennials* nos níveis de proficiência selecionados nas escalas de literacia e numeracia do PIAAC, por situação profissional atual: 2012/2014.

	População <i>Millennial</i> total	Empregado a tempo inteiro		Empregado em <i>part-time</i>		Fora da força laboral		Desempregado		
	Estimativa (milhões)	Estimativa (milhões)	%	Estimativa (milhões)	%	Estimativa (milhões)	%	Estimativa (milhões)	%	
LITERACIA										
No ou Abaixo do Nível 1	10.4	4.4	43*	2.3	22	2.2	21	1.5	14*	
No Nível 2	25.7	10.9	43*	6.6	26	5.3	21	2.8	11*	
No ou Acima do Nível 3	40.5	21.0	52	9.9	25	6.9	17	2.6	6	
NUMERACIA										
No ou Abaixo do Nível 1	19.4	7.4	38*	4.6	24	4.6	24*	2.9	15*	
No Nível 2	26.6	12.0	45*	7.0	26	4.9	19	2.6	10*	
No ou Acima do Nível 3	30.7	17.0	56	7.2	24	4.9	16	1.5	5	

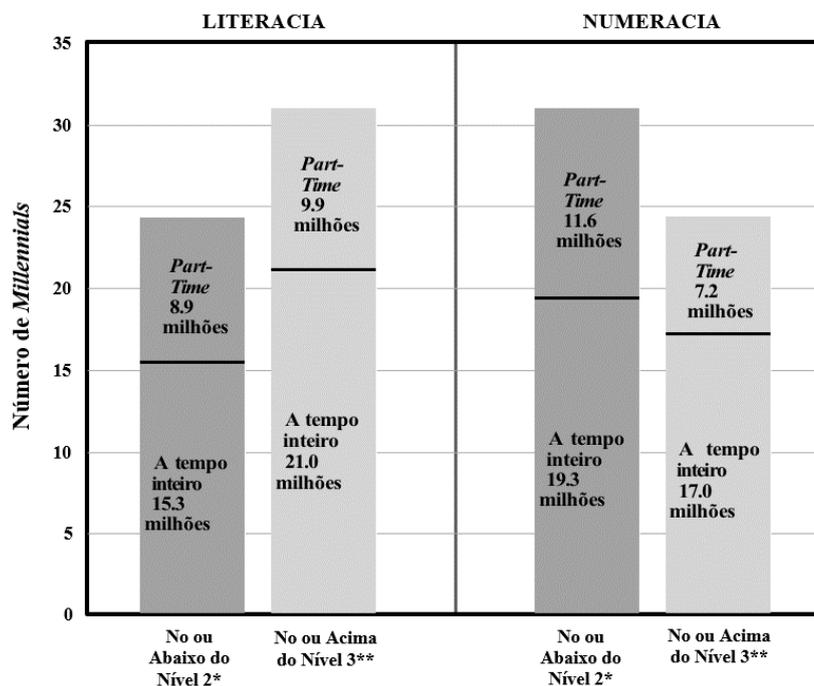
*Estatisticamente diferente ($p < 0,05$) de "No nível 3 ou superior".

Nota: Os totais são baseados na soma dos números, sem arredondamento.

Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento *Económico (OCDE)*, Programa Internacional para a Avaliação das Competências dos Adultos (PIAAC), 2012/2014

A isto acresce o número de *millennials* empregados que tiveram um desempenho de Nível 2. Em termos de emprego, verificamos que, no domínio da literacia, cerca de 26 milhões (34% de todos os *millennials*) tiveram um desempenho de Nível 2; destes, cerca de 17,5 milhões (69%) estavam empregados a tempo inteiro ou parcial. No respeitante à numeracia, cerca de 27 milhões de *millennials* (35% do total de *millennials*) atingiram o Nível 2 de proficiência; destes, cerca de 19 milhões (71%) trabalhavam a tempo inteiro ou parcial (ver Quadro A-3, Anexos, para mais pormenores). No total, havia mais *millennials* a trabalhar a tempo inteiro ou parcial abaixo do Nível 3 – o que significa que tinham baixos níveis de competências – do que no Nível 3 ou acima (Figura 3). Embora este padrão esteja invertido na literacia, estimava-se ainda assim que 24 milhões de *millennials* possuísem baixos níveis de competências neste domínio.

Figura 3: Estimativa do número de *millennials* empregados nos níveis de proficiência selecionadas nas escalas de literacia e numeracia do PIAAC: 2012/2014.



*Igual ou inferior ao Nível 2 = Igual ou inferior ao Nível 1 e ao Nível 2.

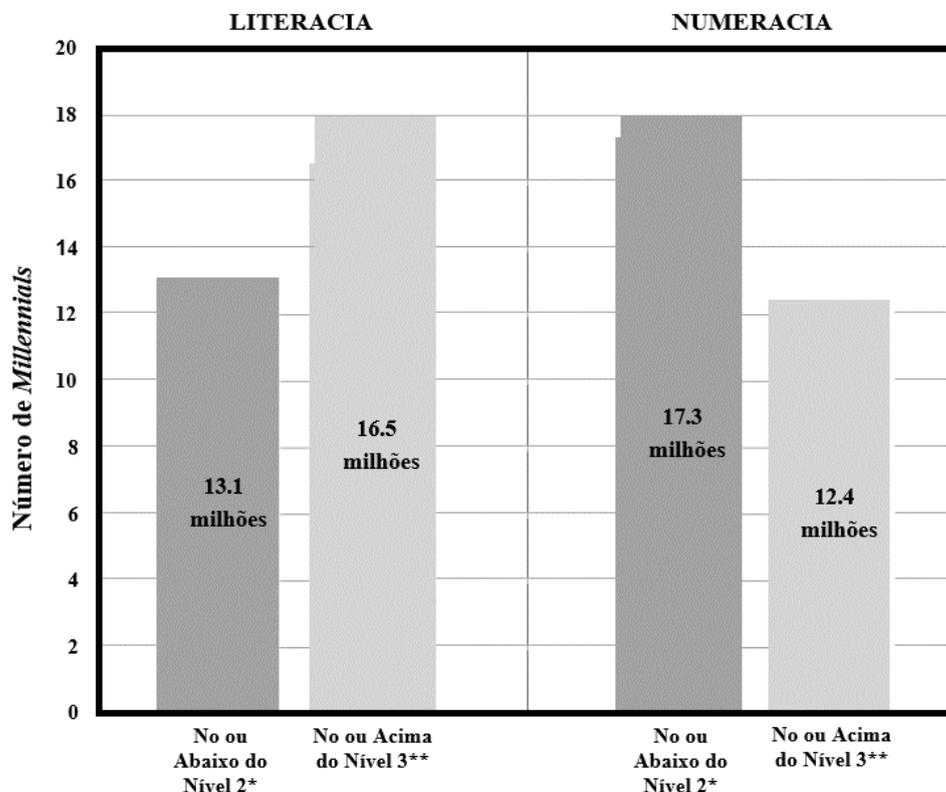
**No Nível 3 ou acima = Níveis 3, 4 e 5.

Nota: Os totais são baseados na soma dos números, sem arredondamento.

Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), Programa Internacional para a Avaliação das Competências dos Adultos (PIAAC), 2012/2014

Quando analisamos o Nível 2 de competências e o nível de escolaridade, verificamos que mais de 10 milhões de *millennials* em cada domínio estavam inscritos nalgum programa de ensino/certificação. De facto, na numeracia, refletindo o padrão que encontramos para o emprego, dos *millennials* atualmente inscritos em programas de educação/certificação, eram mais aqueles com competências de Nível 2 ou inferior do que aqueles com competências de Nível 3 ou superior (Figura 4).

Figura 4: Número estimado de *millennials* com desempenho nos níveis de proficiência selecionados nas escalas de literacia e numeracia do PIAAC que estão inscritos no ensino: 2012/2014.



*No Nível 2 ou abaixo = No Nível 1 ou inferior e no Nível 2.

**No Nível 3 ou acima = níveis 3, 4 e 5.

Nota: Os totais são baseados na soma dos números, sem arredondamento.

Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), Programa Internacional para a Avaliação das Competências dos Adultos (PIAAC), 2012/2014

Os dados do PIAAC dão-nos algumas indicações sobre o tipo de profissões e de remuneração destes *millennials* pouco qualificados. Em termos de numeracia, embora um pouco mais de metade (51%) dos *millennials* que tiveram um desempenho igual ou superior ao Nível 3 trabalhasse em profissões qualificadas (por exemplo, legisladores, funcionários superiores e gestores, profissionais liberais, técnicos e profissionais afins), 43% dos que tinham um desempenho igual ou inferior ao Nível 1, e 43% dos que tinham um desempenho de Nível 2, trabalhavam em profissões semiqualficadas de “colarinho branco” (por exemplo, empregados de escritório, trabalhadores dos serviços e vendedores em lojas ou em grandes superfícies). Os padrões são semelhantes no que toca à literacia. No entanto, os *millennials* que tiveram um desempenho igual ou inferior ao Nível 1 em literacia tinham cerca de três vezes mais probabilidades de trabalhar em profissões pouco qualificadas (por exemplo, assistentes de preparação de alimentos, operadores de máquinas e empregados de limpeza) do que os que tinham um desempenho igual ou superior ao Nível 3 (Tabela A-7, Anexo).

A ligação entre competências e salários tem sido bem documentada em inquéritos e pesquisas

sobre o mercado de trabalho, e os dados do PIAAC estão em linha com as conclusões gerais. Tal como será demonstrado num próximo texto, existe uma forte associação entre uma maior capacidade produtiva dos trabalhadores, níveis mais elevados de escolaridade e níveis mais elevados de proficiência em literacia e numeracia. Estes fatores traduzem-se geralmente em "melhores resultados em termos de emprego e de rendimentos nos mercados de trabalho dos EUA", onde as vantagens em termos de rendimentos, para os adultos com idades compreendidas entre os 25 e os 65 anos, associadas a elevados níveis de competências de literacia e numeracia, são bastante significativas.⁷⁰ Isto também se observa nos dados do PIAAC relativos aos jovens adultos: os que têm níveis de competências mais baixos ganham menos. Cerca de três quartos, ou 76%, dos que obtiveram uma pontuação igual ou inferior ao Nível 1 na escala de literacia do PIAAC tinham ganhos situados nos dois quintis mais baixos de rendimento, ou seja, menos de 2.300 dólares mensais e menos de 28.000 dólares anuais (Tabela A-8, Anexo). Além disso, muitos destes *millennials* estão confinados a empregos pouco qualificados e com salários baixos.

A investigação atual sobre o trabalho, que recorre aos dados do PIAAC, demonstra que, embora se verifique alguma melhoria de competências relacionadas com o emprego, as empresas tendem a dar prioridade às oportunidades de formação adicional para os principais gestores e funcionários, e não para os seus trabalhadores menos qualificados.⁷¹ Um relatório da Coligação Nacional para as Competências [*National Skills Coalition*] revelou também que muitos adultos com empregos pouco qualificados no setor dos serviços nos Estados Unidos da América não possuem as competências de literacia e numeracia necessárias para aproveitar plenamente as oportunidades de progredir nas empresas do setor dos serviços, o que cria "um entrave invisível à produtividade e à mobilidade dos trabalhadores".⁷² Para além do benefício óbvio do aumento dos salários e das perspetivas educativas, há uma série de outras vantagens para os trabalhadores que têm acesso a melhores oportunidades de emprego (por exemplo, planos de poupança-reforma, cuidados de saúde acessíveis, baixa médica paga, etc.). Embora o último inquérito do PIAAC não tenha medido todos estes indicadores de benefícios laborais, os dados confirmam que os *millennials* com menor desempenho têm menos probabilidades de ter um seguro de saúde do que os seus equivalentes mais qualificados (Tabela A-9, Anexo).

⁷⁰ Fogg, Harrington e Khatiwada, *Human Capital Investments*. Para adultos com idades compreendidas entre os 25 e os 65 anos, Fogg, Harrington e Khatiwada mostraram que, para cada dólar ganho pelos trabalhadores no nível de proficiência mais baixo, os seus homólogos no nível 4/5 ganhavam 2.28 dólares.

⁷¹ Raymond J. Wlodkowski e Margery B. Ginsberg, *Teaching Intensive and Accelerated Courses: Instruction that Motivates Learning* (Hoboken, NJ: John Wiley and Sons, 2010); *OECD Skills Outlook 2013*; Amanda Bergson-Shilcock, *Foundational Skills in the Service Sector* (Washington, DC: National Skills Coalition, 2017), <http://www.nationalskillscoalition.org/news/blog/nscs-new-report-explores-role-of-skill-building-for-service-sector-workers>.

⁷² Bergson-Shilcock, *Foundational Skills*.

Ao chamar a atenção para as ligações com a educação formal e o mercado de trabalho, a investigação sobre a desconexão centra a atenção num segmento claramente vulnerável da população adulta mais jovem. Mas a noção alargada de desconexão aqui apresentada – uma noção de marginalização devida às baixas competências – revela uma imagem mais matizada dos desafios que uma geração de jovens adultos com baixas competências enfrenta atualmente. Embora exista claramente uma relação positiva entre a proficiência em competências e a educação, a investigação demonstrou que existe uma grande variação dos níveis de competências dentro de cada categoria de habilitação literária. Além disso, apesar de o mercado de trabalho dos EUA acomodar muitos dos indivíduos com baixas competências, o emprego para esses indivíduos pode proporcionar apenas vantagens limitadas.⁷³ Milhões de *millennials* que avançam na idade adulta não possuem as competências necessárias que lhes permitam tirar pleno partido das oportunidades que se lhes podem apresentar – apesar de muitos terem concluído o ensino secundário, manterem ligações ao ensino pós-secundário formal ou participarem no mercado de trabalho. De modo igualmente relevante, a investigação mostra que as competências estão correlacionadas com o modo como os indivíduos se sentem ligados à sociedade em geral, e com o seu bem-estar geral, incluindo os seus níveis de confiança e de envolvimento com os outros e com as instituições sociais. Na secção seguinte, exploramos estes importantes fatores, não relacionados com o mercado de trabalho, associados às competências.

9. Capital social

No final do século XIX – o início da era moderna –, o filósofo francês Émile Durkheim preocupava-se muito com a erosão das ligações entre os indivíduos e a sociedade. Ele acreditava que o indivíduo e a sociedade estavam tão fortemente ligados que estudou especificamente a forma como as taxas de suicídio – na variante a que chamou "suicídio anómico" – estariam ligadas ao nível de desintegração social. É curioso – e assustador – que os investigadores e os meios de comunicação social tenham começado a documentar um novo fenómeno nos Estados Unidos da América: o aumento dos suicídios (sobretudo entre as pessoas com baixos níveis de escolaridade – a única forma de medição das competências utilizada nestes estudos), fenómeno que passou a ser conhecido como o das "mortes por desespero".⁷⁴ Angus Deaton e Anne Case, autores de um estudo sobre o aumento

⁷³ Fogg, Harrington e Khatiwada, *Human Capital Investments*; Henry Braun, *How Long is the Shadow? The Relationships of Family Background to Selected Adult Outcomes—Results from PIAAC* (no prelo).

⁷⁴ Para o estudo pioneiro sobre a mortalidade e a morbosidade no século XXI, ver Anne Case e Angus Deaton, "Rising Morbidity and Mortality in Midlife among White Non-Hispanic Americans in the 21st Century", *Proceedings of the National Academy of Sciences* 112, no. 49 (2015): 15078-15083. Para uma discussão desta questão relativamente aos *millennials*, ver Jeanna Smialek, "Young White America Is Haunted by a Crisis of Despair," *Bloomberg*, 18 de abril de 2017, <https://www.bloomberg.com/news/features/2017-04-18/young-white-america-is-haunted-by-a-crisis-of-despair>; Anne Case e Angus Deaton, *Mortality and Morbidity in the*

SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), "Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.", *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175

da taxa de mortalidade entre os indivíduos brancos de meia-idade com menos do que o ensino secundário nos EUA, reconhecem que a preocupação se deve estender, de facto, à população da chamada geração *millennial*: "A América não é um bom lugar para pessoas que têm apenas o ensino secundário", observa Case, "e não creio que isso vá melhorar tão cedo".⁷⁵ O grande número de *millennials* com baixos níveis de competências, juntamente com a complexa e importante relação entre competências e aquilo a que os investigadores chamam "capital social", tem claramente consequências profundas e de grande alcance.

A forma como as competências interagem com o capital social é uma questão decisiva e complexa. A OCDE promoveu uma iniciativa para examinar os padrões de confiança, uma componente importante do capital social, nos seus países membros, na sequência da crise financeira mundial de 2008. Num relatório de 2015, surgem provas de que as nações com competências cognitivas gerais mais elevadas apresentavam níveis de confiança mais elevados.⁷⁶ Em 2014, Patrícia Dinis da Costa *et al.*, do Centro Comum de Investigação da Comissão Europeia, analisou a relação entre educação, competências e bem-estar social, numa seleção de países da União Europeia que participaram no PIAAC. Os seus resultados indicam que "as competências e capacidades dos indivíduos são fundamentais para uma participação efetiva e proveitosa na vida social e económica nas atuais economias globalizadas".⁷⁷

Os dados do PIAAC permitem-nos analisar a forma como os níveis de competências se alinham com as noções de capital social, através de uma série de perguntas presentes no respetivo questionário-base.⁷⁸ Aqui, tal como na secção anterior, analisamos estas questões através da observação das percentagens calculadas sobre o total *em cada nível de competências*. As características associadas ao nível de confiança individual são analisadas através de duas questões: "São poucas as pessoas em quem podemos confiar plenamente" e "Se não tivermos cuidado, as outras pessoas aproveitam-se de nós". A nossa análise mostra que, para os *millennials* como um todo, não é evidente que exista um nível elevado de confiança nos outros. No entanto, as pessoas com níveis de competências mais baixos parecem ter níveis de confiança mais reduzidos do que os seus equivalentes com níveis de competências mais elevados. Pouco mais de três quartos dos *millennials*

21 st Century (Washington, DC: Brookings Institution, 2017).

⁷⁵ Smialek, "Young White America".

⁷⁶ Francesca Borgonovi e Tracey Burns, *The Educational Roots of Trust*, OECD Education Working Papers No. 119 (Paris, OECD Publishing, 2015), doi.org/10.1787/5js1kv85dfvd-en.

⁷⁷ Patricia Dinis da Costa, Margarida Rodrigues, Esperanza Vera-Toscano e Anke Weber, "Education Adult Skills and Social Outcomes Empirical Evidence from the Survey on Adult Skills (PIAAC 2013)," (Luxemburgo: Publications Office of the European Union, 2014), 57.

⁷⁸ Para mais informações sobre o questionário-base do PIAAC, ver <https://nces.ed.gov/surveys/piaac/questionnaires.asp>.

que tiveram um desempenho igual ou inferior ao Nível 1 (76% em literacia e 77% em numeracia) afirmaram que concordavam, ou concordavam totalmente, com a afirmação de que "São poucas as pessoas em quem se pode confiar totalmente" (Tabela 10). Estas percentagens são mais elevadas do que as dos que tiveram um desempenho igual ou superior ao Nível 3 (65% em literacia e 62% em numeracia). Além disso, 82% das pessoas que tiveram um desempenho igual ou inferior ao Nível 1 em literacia e 84% em numeracia, concordaram ou concordaram totalmente que "Se não tivermos cuidado, as outras pessoas aproveitam-se de nós" – um número que também é superior ao das pessoas que tiveram um desempenho igual ou superior ao Nível 3 em ambos os domínios (74% e 72% em literacia e numeracia, respetivamente). De acordo com o *Pew Research Center*, "as pessoas que se sentem vulneráveis ou, por qualquer razão, em desvantagem acham que é mais arriscado confiar, porque estão menos capacitadas para lidar com as consequências de uma confiança mal depositada".⁷⁹ Estes dados sobre a confiança devem ser vistos como particularmente alarmantes, sobretudo no que diz respeito a uma população que está a entrar na idade adulta.

A investigação também mostra que os níveis de confiança estão correlacionados com a doação graciosa de tempo e dinheiro.⁸⁰ As taxas de voluntariado foram apuradas no PIAAC através de uma questão que perguntava aos participantes: "Nos últimos 12 meses, com que frequência, se alguma, fez trabalho voluntário, incluindo trabalho não remunerado para uma instituição de caridade, partido político, sindicato ou outra organização sem fins lucrativos?". Espelhando os resultados relativos à confiança, 63% das pessoas com um desempenho igual ou inferior ao Nível 1 em literacia, e 57% em numeracia, afirmaram nunca fazer trabalho voluntário, enquanto somente 35% das pessoas com um desempenho igual ou superior ao Nível 3 em literacia, e 33% em numeracia, afirmaram nunca fazer trabalho voluntário.

Os adultos que participaram no PIAAC também foram inquiridos acerca do seu nível de eficácia política ("As pessoas como eu não têm nada a dizer sobre o que o governo faz"). Mais uma vez, tal como observámos com as medidas de confiança, os *millennials* com menos competências eram mais propensos a mostrar atitudes desfavoráveis relativamente a este aspeto do capital social. De facto, os *millennials* com um desempenho igual ou inferior ao Nível 1 tinham uma probabilidade 20 pontos percentuais superior, no caso da literacia, e 17 pontos percentuais superior, no caso da numeracia, de acreditar que "não têm nada a dizer sobre o que o governo faz", por comparação com os que tinham um desempenho igual ou superior ao Nível 3. Dada a forte correlação entre competências e rendimentos, a afirmação resumida de Robert Putnam sobre a divisão entre privilegiados e desfavorecidos, em termos de impacto no governo, aplica-se provavelmente neste

⁷⁹ Pew Research Center, *Millennials in Adulthood: Detached from Institutions, Networked with Friends*, 2014, <http://www.pewsocialtrends.org/2014/03/07/millennials-in-adulthood/>.

⁸⁰ Wilkinson and Pickett, *Spirit Level*.

caso: "Os jovens ricos estão mais confiantes de que podem influenciar o governo e, em grande medida, têm razão. Não é de surpreender que os miúdos pobres tenham menos probabilidades de tentar fazê-lo".⁸¹

Os dados do PIAAC relacionados com o capital social – confiança social, eficácia política e participação cívica – permitem matizar um padrão geral referido noutros inquéritos e investigações. Os dados do *Pew Research Center* confirmam que, enquanto grupo, os *millennials* têm menos probabilidades do que as gerações mais velhas de possuir filiações sociais e políticas e de confiar nas instituições públicas.⁸² O *Pew Research Center* atribuiu parte da responsabilidade pelo fosso entre os grupos à maior percentagem de minorias e de pessoas com um estatuto socioeconómico mais baixo entre os grupos mais jovens; embora seja plausível, outra razão para os baixos níveis de confiança entre a população *millennial* (ou partes dela) pode também residir na relação complexa entre níveis de competências, oportunidades e resultados obtidos na vida.

Tabela 10: Percentagem de *millennials* nos níveis de proficiência selecionados nas escalas de literacia e numeracia do PIAAC, por indicadores de coesão social: 2012/2014.

	No ou Abaixo do Nível 1	Nível 2	No ou Acima do Nível 3
“São poucas as pessoas em quem podemos confiar plenamente.”			
LITERACIA			
Concorda ou Concorda totalmente	76*	75*	65
Não concorda nem discorda	9	9	10
Discorda ou Discorda totalmente	15*	16*	24
Total	100	100	100
NUMERACIA			
Concorda ou Concorda totalmente	77*	74*	62
Não concorda nem discorda	10	9	11
Discorda ou Discorda totalmente	13*	17*	27
Total	100	100	100
“Se não tivermos cuidado, as outras pessoas aproveitam-se de nós.”			
LITERACIA			
Concorda ou Concorda totalmente	82*	83*	74
Não concorda nem discorda	8*	9*	15
Discorda ou Discorda totalmente	10	8	10
Total	100	100	100
NUMERACIA			

⁸¹ Robert D. Putnam, *Our Kids: The American Dream in Crisis* (Nova Iorque: Simon and Schuster, 2016), 235. Para mais informação sobre *millennials* e padrões de voto, ver Richard Fry, *Millennials Match Baby Boomers as Largest Generation in U.S. Electorate, But Will They Vote?*, Facttank (Washington, DC: Pew Research Center, 2016), <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2016/05/16/millennials-match-baby-boomers-as-largest-generation-in-u-s-electorate-but-will-they-vote/>.

⁸² *Millennials in Adulthood*.

Concorda ou Concorda totalmente	84*	82*	72
Não concorda nem discorda	7*	10*	17
Discorda ou Discorda totalmente	8	8	11
Total	100	100	100
“Nos últimos 12 meses, com que frequência, se alguma, fez trabalho voluntário, incluindo trabalho não remunerado, para uma instituição de caridade, partido político, sindicato ou outra organização sem fins lucrativos?”			
LITERACIA			
Nunca	63*	48*	35
Pelo menos uma vez por mês, mas menos do que uma vez por semana	25*	41*	53
De uma vez por semana a todos os dias	12	11	12
Total	100	100	100
NUMERACIA			
Nunca	57*	43*	33
Pelo menos uma vez por mês, mas menos do que uma vez por semana	31*	45*	55
De uma vez por semana a todos os dias	12	11	12
Total	100	100	100
“As pessoas como eu não têm nada a dizer sobre o que o governo faz.”			
LITERACIA			
Concorda ou Concorda totalmente	50*	41*	30
Não concorda nem discorda	24	25	25
Discorda ou Discorda totalmente	26*	35*	45
Total	100	100	100
NUMERACIA			
Concorda ou Concorda totalmente	47*	36*	30
Não concorda nem discorda	23	27	24
Discorda ou Discorda totalmente	30*	38*	45
Total	100	100	100

*Significativo estatisticamente a partir de "No nível 3 ou superior"

Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), Programa Internacional para a Avaliação das Competências dos Adultos (PIAAC), 2012/2014

Como ler este gráfico: Este gráfico mostra a percentagem de *millennials* com três níveis de proficiência (igual ou inferior ao Nível 1, Nível 2 e igual ou superior ao Nível 3) em literacia e numeracia, numa série de questões do questionário-base do inquérito do PIAAC. Atentando à primeira questão cujos dados são aqui apresentados – "Existem poucas pessoas em quem se pode confiar plenamente" –, os dados do PIAAC mostram que 76% dos *millennials* com um desempenho igual ou inferior ao Nível 1 em literacia concordaram, ou concordaram totalmente, que existem poucas pessoas em quem podem confiar plenamente. Três quartos (75%) dos *millennials* que se classificaram no Nível 2 concordam ou concordam totalmente que há poucas pessoas em quem

SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), “Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.”, *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175

podem confiar totalmente, o que, mais uma vez, é significativamente diferente da percentagem que afirmou concordar, ou concordar totalmente, com esta afirmação, e que tinha competências no Nível 3 ou superior.

10. Implicações

Quase metade dos *millennials* dos EUA – cerca de 36 milhões – está a tentar fazer a transição para a vida adulta com baixos níveis de competências em literacia, e mais de metade – cerca de 46 milhões – está a fazê-lo com baixos níveis de competências em numeracia. Os *millennials* com baixas competências têm maior probabilidade de estar desempregados, de estar excluídos da população ativa, de trabalhar em profissões pouco qualificadas e de auferir baixos rendimentos; têm também menor probabilidade de ter cobertura em matéria de cuidados de saúde do que os aqueles que têm competências mais elevadas. Além disso, é menos provável que tenham confiança nas outras pessoas, que se empenhem civicamente e que sintam que têm capacidade para influenciar o governo. Estes números e correlações não podem nem devem ser ignorados. São especialmente preocupantes quando levamos em linha de conta a cada vez maior desigualdade, entre os nossos *millennials*, no plano das oportunidades para adquirir e desenvolver capital humano, e a forma como isto se relaciona com a combinação de vantagens e desvantagens que existe nos Estados Unidos da América dos nossos dias.

Ao basearmo-nos exclusivamente na desconexão face ao mercado de trabalho e à educação como indicadores do problema, talvez estejamos a aplicar critérios do século XX para compreender um desafio do século XXI. Durante grande parte do século passado, os Estados Unidos da América foram vistos como líderes na duração da escolaridade que proporcionavam aos seus cidadãos. Uma licenciatura de quatro anos era acessível, do ponto de vista financeiro, para um número crescente de indivíduos nos EUA. Nas três décadas imediatamente a seguir à Segunda Guerra Mundial, o ensino secundário proporcionava a muitos as competências suficientes para obterem um emprego capaz de sustentar uma vida de classe média: salários sustentáveis, acesso a cuidados de saúde e outros benefícios para os trabalhadores, tais como pensões e reformas, e oportunidades acessíveis de ensino superior para os filhos. Durante este período, quem estivesse desconectado do emprego ou da educação, e tivesse entre 16 e 24 anos de idade, corria o risco de ter um futuro incerto.

O final do século XX assistiu à convergência de uma série de mudanças fundamentais que alteraram esta equação. Tínhamos passado, para o bem e para o mal, para uma economia dependente de cadeias de abastecimento global, impulsionada por uma série de avanços tecnológicos e decisões políticas. Como defendeu Thomas Friedman em 2005, o mundo tinha-se aplanado.⁸³ Esta mudança

⁸³ Thomas L. Friedman, *The World Is Flat: A Brief History of the Twenty-First Century* (Nova Iorque: Farrar,

de enorme alcance teve consequências significativas por todo o lado; nos Estados Unidos da América, tal mudança também teve impacto em muitos aspetos da vida, mas talvez tenham sido mais evidentes os seus efeitos na natureza do trabalho e nas competências que passaram a ser necessárias. Esta nova economia diferia em aspetos importantes da economia de crescimento acelerado do período pós-Segunda Guerra Mundial nos EUA, quando as oportunidades eram abundantes para um vasto leque da população. Atualmente, porém, há menos oportunidades sustentáveis para quem não possui competências de nível superior. E o trabalho que está disponível para a população pouco qualificada tem muitas vezes os seus próprios riscos. Muitos dos empregos pagos à hora, no setor em expansão dos serviços – onde muitos dos que possuem baixos níveis de competências encontram emprego –, não oferecem seguro de saúde, benefícios de reforma, salários sustentáveis, nem mesmo horários estáveis. Para piorar a situação, embora as taxas de escolarização – tanto no ensino secundário, como em muitas modalidades de ensino pós-secundário – tenham aumentado,⁸⁴ muitos jovens adultos que obtiveram, ou estão a obter, esses diplomas não têm as competências essenciais para progredir economicamente, e podem estar, para além disso, sobrecarregados com dívidas relativas ao ensino pós-secundário que frequentaram ou frequentam. Por outras palavras, o que se verifica é que um número considerável de *millennials* com um nível de competências baixo *está* efetivamente empregado ou matriculado no ensino. A definição de conexão simplesmente como uma associação ao emprego e à educação esconde, portanto, uma realidade mais incómoda. As desvantagens estão a aumentar para demasiados *millennials* nos EUA – incluindo alguns dos que estão “conectados”, no sentido mais tradicional.

O facto de tantos dos nossos jovens adultos terem baixos níveis de capital humano não coloca em risco apenas a capacidade de algumas pessoas terem sucesso no mercado de trabalho. Ameaça também as nossas tradições e instituições democráticas fundamentais. Um importante constitucionalista, Ganesh Sitaraman, defende que "a Constituição Americana assenta no pressuposto de que a nação tem uma relativa igualdade económica – uma classe média forte, sem riqueza ou pobreza extremas, e com oportunidades económicas".⁸⁵ Afirma ainda que, "em contraste com dois milénios de constituições assentes na desigualdade de classes, a nossa Constituição foi forjada, em parte, na tentativa de reconstruir o destino económico das pessoas comuns".⁸⁶ Barry C. Lynn, que escreve acerca dos perigos da consolidação do poder das empresas, referiu-se recentemente a esta questão quando afirmou que, no fundo, os autores da Constituição se esforçaram por construir uma

Straus and Giroux, 2005) [Trad: *O Mundo é Plano: Uma Breve História do Século XX*, Actual, 2006].

⁸⁴ *Educational Attainment of Young Adults, The Condition of Education*, última modificação em abril de 2017, https://nces.ed.gov/programs/coe/indicator_caa.asp.

⁸⁵ Ganesh Sitaraman, *The Crisis of the Middle-Class Constitution: Why Economic Inequality Threatens our Republic* (Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 2017), 8.

⁸⁶ *Ibid.*, 10.

SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), "Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.", *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175

sociedade em que os cidadãos tivessem a "capacidade de se envolver numa conversa aberta e com vista a tomar decisões uns com os outros, para que pudessem efetivamente tomar ... decisões quotidianas acerca de como manter a sociedade".⁸⁷ É verdade que, no entendimento dos autores da Constituição, a noção de igualdade de condições se aplicava apenas à população branca de ascendência europeia, mas é igualmente verdade que se tratava de um rutura espantosa e radical com as sociedades europeias de final do século XVIII, uma rutura que permitiu a expansão da comunidade política. O que observamos nos dados relativos às competências pode ser lido como parte desta narrativa mais alargada, que está profundamente ancorada na nossa tradição política. A literacia e os conhecimentos adquiridos através dela podem ser vistos como essenciais para a aquisição e manutenção da igualdade económica e de uma cidadania informada e empenhada. As duas coisas andam de mãos dadas. Se não forem controladas, as disparidades nas competências dos nossos jovens adultos só irão aprofundar a desigualdade e a anomia social, que Durkheim tanto temia.

Em textos como este, é comum esperar recomendações políticas conducentes à resolução dos problemas identificados. Apesar de todos os conhecimentos que os dados do PIAAC nos oferecem, o seu verdadeiro poder reside na capacidade de nos esclarecer acerca do ponto em que estamos e, portanto, para onde nos dirigimos se não mudarmos de rumo. Os autores de um relatório recente do *Educational Testing Service (ETS)*, *Choosing Our Future: A Story of Opportunity in America* [Escolher o Nosso Futuro: Uma História das Oportunidades na América], analisaram de forma abrangente a questão da desigualdade de oportunidades e defenderam que nos encontramos num momento decisivo, que exige que "desenvolvamos forças de compensação suficientemente fortes", de modo a interromper a tendência atual. Para o fazer, será necessário um quadro de ação que, no essencial, se dirija a um "esforço coerente e sustentado por parte de todos – indivíduos, organizações e associações comunitárias, organizações não-governamentais, instituições religiosas, empresas e todos os níveis de governo".⁸⁸ Parece efetivamente haver um reconhecimento cada vez maior de que, para alargar verdadeiramente as oportunidades, é necessária uma ação que englobe toda a multiplicidade de sistemas económicos e sociais interligados, que moldam as nossas vidas, em particular a educação, a habitação, o governo, a comunidade e a família.⁸⁹ No entanto, com demasiada frequência, as soluções destinadas a resolver as desigualdades em termos de capital humano

⁸⁷ "Economic Equality and the Constitution," entrevista a Barry Lynn e Ganesh Sitaraman por Jeffrey Rosen, *National Constitution Center*, 6 de abril de 2017, <https://constitutioncenter.org/blog/video-economic-equality-and-the-constitution>.

⁸⁸ Kirsch *et al.*, *Choosing our Future*, 39.

⁸⁹ Ver, por exemplo, Emma García e Elaine Weiss, *Reducing and Averting Achievement Gaps*, Economic Policy Institute/Broader Bolder Approach to Education, setembro de 2017; Stanford Center on Poverty and Inequality, ed. *State of the Union: The Poverty and Inequality Report*, special issue, *Pathways: Opportunity, Responsibility, and Security: A Consensus Plan for Reducing Poverty and Restoring the American Dream*, AEI/Brookings, 2015, <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2015/12/full-report.pdf>

enquadram-se apenas no contexto dos sistemas educativos. Só é possível obter melhorias reais quando se compreende a amplitude total do problema, e se procura um esforço coordenado, consciente da forma como adquirimos e estimulamos o capital humano ao longo da vida e o prolongamos para as gerações futuras. Neste ponto, vem-nos à memória a declaração de James Baldwin acerca das relações raciais na década de 1960: "Nem tudo o que é enfrentado pode ser mudado, mas nada pode ser mudado até ser enfrentado".

Para além disso, está a tornar-se cada vez mais claro que aqueles que deixamos cair ou ficar para trás, não são tanto "eles", mas são antes "nós". De formas que podem não ser totalmente evidentes, particularmente em tempos de convulsão social, as pessoas nos EUA estão indissociavelmente ligadas umas às outras, mesmo quando se estão a afastar. Dependemos daqueles que estão no mercado de trabalho para ganhar salários que lhes permitam comprar bens, e assim viabilizar outras indústrias; temos um Estado social com sistemas que dependem do rendimento dos adultos em idade ativa (Segurança Social, assistência social, *Medicaid*); e dependemos dos impostos dos adultos que trabalham para financiar programas públicos a nível nacional, estatal e local. A frase "a maré cheia levanta todos os barcos" foi popularizada durante a "Era da Afluência", nos Estados Unidos da América do pós-Segunda Guerra Mundial, para significar que as mudanças positivas na economia deveriam e iriam ter um efeito de subida de maré, empurrando os necessitados para cima, juntando essencialmente os que têm mais oportunidades e os que têm menos, numa aventura conjunta, embora idealizada.⁹⁰ Mas a "Era da Afluência", que tinha no seu centro uma classe média alargada, apoiada em competências que eram bem remuneradas no mercado de trabalho, pertence ao passado. A nossa tarefa agora é reafirmar um contrato partilhado que persista mesmo quando a maré está baixa. Temos, então, e acima de tudo, de encarar o nosso destino como estando associado ao destino dos outros.

Agradecimentos

As autoras desejam agradecer as contribuições de muitos indivíduos que desempenharam um papel importante na preparação deste texto. Em primeiro lugar, as autoras querem agradecer aos seguintes revisores, pelos seus comentários e sugestões atenciosas: T. J. Elliott, Patrick Kyllonen, Eugene Gonzalez e John Sabatini, do *Educational Testing Service* (ETS); e Richard Murnane, da *Harvard Graduate School of Education*. As autoras querem ainda agradecer a Irwin Kirsch, do ETS; Henry Braun, da *Lynch School of Education* do *Boston College*; Richard Coley (reformado, ETS); e Neeta Fogg, Paul Harrington e Ishwar Khatiwada, do *Center for Labor Markets and Policy*, na Universidade de Drexel, pela resposta atenciosa que deram ao artigo. Todos aqueles que leram o

⁹⁰ Discurso de John F. Kennedy, Heber Springs, AR, 3 de outubro de 1963, <http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=9455>.

SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), “Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.”, *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175

artigo fizeram comentários proveitosos, mas todos os erros factuais ou de interpretação são da responsabilidade das autoras. Também estamos agradecidas a Larry Hanover, Shelley Keiper e Janice Lukas pela ajuda na edição e nos dados. Por fim, agradecemos o apoio à produção prestado por Nicole Fiorentino, Phillip Leung e Darla Mellors.

Disclaimer

Copyright © 2017 and 2023 ETS. www.ets.org. Translated from English to Portuguese. *Too Big to Fail: Millennials on the Margins* is reprinted by permission of ETS, the copyright owner.

Referências bibliográficas

ANNIE E. CASEY FOUNDATION (2012), *Youth and Work: Restoring Teen and Young Adult Connections to Opportunity*. Annie E. Casey Foundation. <http://www.aecf.org/m/resourcedoc/AECF-YouthAndWork-2012-Full.pdf>

Annual Report of the Board of Education, Vol. 38, 1873-1874, <https://books.google.com/books?id=E5AXAAAAAYAAJ&pg=PA202&lpg=PA202&dq=education+etymology+mature+life&source=bl&ots=OKAJKBySgv&sig=75Q0ceJPNq-SSwN1IDPf9JNbWEw&hl=en&sa=X&ved=0ahUKEwiYmviEoLbTAhXD6iYKHfvXA vYQ6AEIQjAF#v=onepage&q=education%20etymology%20mature%20life&f=false>.

AUTOR, David H. (2014), “Skills, Education, and the Rise of Earnings Inequality among the 'Other 99 Percent’”, *Science*, 344 (6186), 843 - 851. <https://doi.org/10.1126/science.1251868>

AUTOR, David H. (2010), *The Polarization of Job Opportunities in the U.S. Labor Market: Implications for Employment and Earnings*, Center for American Progress and The Hamilton Project, 6. https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/04_jobs_autor.pdf

BATALOVA, Jeanne; FIX, Michael (2016), *Literacy and Numeracy Skills of Second-Generation Adults: A Comparative Study of Canada, France, Germany the United Kingdom and the United States*, Migration Policy Institute. https://static1.squarespace.com/static/51bb74b8e4b0139570ddf020/t/578d1e95579fb360acc952bf/1468866198724/Batalova_Fix_PIAAC.pdf

BATALOVA, Jeanne; FIX, Michael (2015), *Through an Immigrant Lens: PIAAC Assessment of the Competencies of Adults in the United States*, Migration Policy Institute. <http://www.migrationpolicy.org/research/through-immigrant-lens-piaac-assessment-competencies-adults-united-states>.

BERGSON-SHILCOCK, Amanda (2017), *Foundational Skills in the Service Sector: Understanding and addressing the impact of limited math, reading, and technology proficiency on workers*

SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), “Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.”, *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175

and employers. National Skills Coalition.
<https://nationalskillscoalition.org/resources/publications/file/NSC-foundational-skills-FINAL.pdf>

BORGONOV, Francesca; BURNS, Tracey (2015), *The Educational Roots of Trust* (OECD Education Working Papers No. 119), Paris, OECD Publishing. doi.org/10.1787/5js1kv85dfvd-en.

BRAUN, Henry (a publicar), How Long is the Shadow? The Relationships of Family Background to Selected Adult Outcomes—Results from PIAAC.

BRAUN, Henry (2016), “The Dynamics of Opportunity in America: A Working Framework”. In Irwin Kirsch & Henry Braun (Eds.), *The Dynamics of Opportunity in America: Evidence and Perspectives*, 137-164. Berlin, Springer. <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-319-25991-8>

CARNOY, Martin; GARCÍA, Emma (2017), Five Key Trends in U.S. Student Performance. Economic Policy Institute. <http://www.epi.org/publication/five-key-trends-in-u-s-student-performance-progress-by-blacks-and-hispanics-the-takeoff-of-asians-the-stall-of-non-english-speakers-the-persistence-of-socioeconomic-gaps-and-the-damaging-effect/>.

CAHALAN, Margaret; PERNA, Laura (2015), Indicators of Higher Education Equity in the United States: 45 Year Trend Report, Pell Institute for the Study of Opportunity in Higher Education.
<https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED555865.pdf>.

CARCILLO, Stéphane; FERNÁNDEZ, Rodrigo; KÖNIGS, Sebastian; MINEA, Andreea (2015), *NEET Youth in the Aftermath of the Crisis: Challenges and Policies*, Paris, OECD Publishing.

CASE, Anne; DEATON, Angus (2017), Mortality and Morbidity in the 21st Century. Brookings Institution.

CASE, Anne; DEATON, Angus (2015), “Rising Morbidity and Mortality in Midlife among White Non-Hispanic Americans in the 21st Century”, *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 112 (49), 15078-15083. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26575631/>

CHETTY, Raj; FRIEDMAN, John N.; SAEZ, Emmanuel; TURNER, Nicholas; YAGAN, Danny (2017), Mobility Report Cards: The Role of Colleges in Intergenerational Mobility. National Bureau of Economic Research.

CHETTY, Raj; GRUSKY, David; HELL, Maximilian; HENDREN, Nathaniel; MANDUCA, Robert; NARANG, Jimmy (2017), “The Fading American Dream: Trends in Absolute Income Mobility Since 1940”, *Science*, 356(6336), 398-406. doi:10.1126/science.aal4617.

CHETTY, Raj; HENDREN, Nathaniel; KATZ, Lawrence F. (2016), “The Effects of Exposure to Better Neighborhoods on Children: New Evidence; from the Moving to Opportunity Experiment”, *American Economic Review*, 106 (4), 855-902. <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/aer.20150572>

- SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), “Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.”, *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175
- CHETTY, Raj; STEPNER, Michael; ABRAHAM, Sarah; LIN, Shelby; SCUDERI, Benjamin; TURNER, Nicholas; BERGERON, Augustin; CUTLER, David (2016), “The Association Between Income and Life Expectancy in the United States, 2001-2014”, *Journal of the American Medical Association*, 315 (16), 1750-1766. doi:10.1001/jama.2016.4226
- CHETTY, Raj; HENDREN, Nathaniel; KLINE, Patrick; SAEZ, Emmanuel (2014), Where is the Land of Opportunity? The Geography of Intergenerational Mobility in the United States, NBER Working Paper No. 19843 National Bureau of Economic Research
- COSTA, Patricia Dinis da; RODRIGUES, Margarida; VERA-TOSCANO, Esperanza; WEBER, Anke (2014), Education Adult Skills and Social Outcomes Empirical Evidence from the Survey on Adult Skills (PIAAC 2013). Publications Office of the European Union.
- CRAMER, Reid (2014), “Millennials Rising: Coming of Age in the Wake of the Great Recession”, *New America*, 11-19. https://d1y8sb8igg2f8e.cloudfront.net/documents/Millennials_Rising_Coming_of_Age_in_the_Wake_of_the_Great_Recession_hPH6qs7.pdf
- CURRIE, Janet (2011), “Inequality at Birth: Some Causes and Consequences”, *American Economic Review* 101, 3, 1-22. <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/aer.101.3.1>.
- DESMOND, Matthew (2017), *Evicted: Poverty and Profit in the American City*. Nova Iorque: Broadway Books.
- DUNCAN, Greg J.; MURMANE, Richard J. (2016), “Rising Inequality in Family Incomes and Children's Educational Outcomes”, *RSF: The Russell Sage Foundation Journal of the Social Sciences*, 2(2), 142-158. <http://www.rsjournal.org/doi/full/10.7758/RSF.2016.2.2.06>
- Educational Attainment of Young Adults, The Condition of Education, última modificação em abril de 2017, <https://nces.ed.gov/programs/coe/indicator/caa.asp>.
- FERNANDES-ALCANTRA, Adrienne L. (2015), *Disconnected Youth: A Look at 16 to 24 Year Olds Who Are not Working or in School*. Congressional Research Service. <https://fas.org/sgp/crs/misc/R40535.pdf>
- FREY, William H (2015), In the U.S., Diversity is the New Majority, Brookings Institution. <https://www.brookings.edu/opinions/in-the-u-s-diversity-is-the-new-majority/>.
- FOGG, Neeta; HARRINGTON, Paul; KHATIWADA, Ishwar (2018), *The Impact of Human Capital Investments on the Earnings of American Workers*, Center for Labor Markets and Policy, Drexel University (Educational Testing Service, forthcoming).
- FREY, William H. (comunicação pessoal, 17 de fevereiro de 2015) <http://www.pbs.org/wnet/tavis/miley/interviews/demographerauthor-william-h-frey/>.
- FRIEDMAN, Thomas L. (2005), *The World Is Flat: A Brief History of the Twenty-First Century*. Nova Iorque, Farrar, Straus and Giroux.

- SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), "Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.", *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175
- FRY, Richard (2016), Millennials Match Baby Boomers as Largest Generation in U.S. Electorate, But Will They Vote?, Pew Research Center. <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2016/05/16/millennials-match-baby-boomers-as-largest-generation-in-u-s-electorate-but-will-they-vote/>.
- GARCÍA, Emma; WEISS, Elaine (2017), Reducing and Averting Achievement Gaps, Economic Policy Institute/Broader Bolder Approach to Education. Economic Policy Institute. <https://www.epi.org/publication/reducing-and-averting-achievement-gaps/>
- GARCÍA, Emma (2015), *Inequalities at the Starting Gate: Cognitive and Noncognitive Skills Gaps between 2010-2011 Kindergarten Classes*. Economic Policy Institute. <http://www.epi.org/files/pdf/85032c.pdf>
- GOLDIN, Claudia; KATZ, Lawrence F. (2008), *The race between Education and Technology*. Harvard University Press. <https://doi.org/10.2307/j.ctvjf9x5x>
- GOLDRICK, Sara; KELCHEN, Robert; HOULE, Jason (2014), *The Color of Student Debt: Implications of Federal Loan Program Reforms for Black Students and Historically Black Colleges and Universities*. Wisconsin HOPE Lab.
- GOODMAN, Madeline; SANDS, Anita M.; COLEY, Richard A. (2015). *America's Skills Challenge: Millennials and the Future*. Educational Testing Service. <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED589564.pdf>
- HACKER, Jacob S. ; PIERSON, Paul (2016), "Making America Great Again", *Foreign Affairs*, maio/junho de 2016. <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2016-03-21/making-america-great-again>.
- HACKER, Jacob S. ; PIERSON, Paul (2010), "Winner-Take-All Politics: Public Policy, Political Organization, and the Precipitous Rise of Top Incomes in the United States, Democracy and Markets, Understanding the Effects of America's Economic Stratification," A Tobin Project Conference. [https://assets.aspeninstitute.org/content/uploads/files/content/docs/psi/BACKGROUND%20Reading%20Hacker%20and%20Pierson%20-%20Winner-Take All%20Politics,%202010.pdf](https://assets.aspeninstitute.org/content/uploads/files/content/docs/psi/BACKGROUND%20Reading%20Hacker%20and%20Pierson%20-%20Winner-Take%20All%20Politics,%202010.pdf)
- HOLZER, Harry J. (2016), "Improving Opportunity Through Better Human Capital Investments for the Labor Market". In Irwin Kirsch & Henry Braun (Eds.), *The Dynamics of Opportunity in America: Evidence and Perspectives*, 387-412. Berlin, Springer.
- HOXIE, Josh (2016), "Income Segregation and Familiarity", *Inequality.org*. <http://inequality.org/great-divide/income-segregation-familiarity/>.
- HUELSMA, Mark (2015), "The Debt Divide: The Racial and Class Bias Behind the 'New Normal' of Student Borrowing, *Demos*. <http://www.demos.org/publication/debt-divide-racial-and-class-bias-behind-new-normal-student-borrowing>.
- IEA DATA REPOSITORY. <http://www.iea.nl/our-data>.

- SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), “Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.”, *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175
- KAUSHAL, Neera; MAGNUSON, Katherine; WALDFOGEL, Jane (2011), “How is Family Income Related to Investments in Children's Learning?”. In Greg J. Duncan & Richard Murnane (Eds.), *Whither Opportunity? Rising Inequality, Schools, and Children's Life Chance*, Nova Iorque, Russell Sage Foundation.
- KIRSCH, Irwin; BRAUN, Henry; LENNON, Mary Louise; SANDS, Anita M. (2016), *Choosing our Future: Story of Opportunity in America*. Educational Testing Service Center for Research on Human Capital and Education. <https://eric.ed.gov/?id=ED593013>
- KIRSCH, Irwin; BRAUN, Henry; YAMAMOTO, Kentaro; SUM, Andrew (2007), *America's Perfect Storm: Three Forces Changing Our Nation's Future*. Educational Testing Service. <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED496620.pdf>
- LEVELS, Mark; DRONKERS, Japp; JENCKS, Christopher (2015), “Contextual Explanations for Numeracy and Literacy Skill Disparities between Native and Foreign-Born Adults in Western Countries”, *PLOS ONE*, 12(3). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0172087>
- LEWIS, Kristen; BURD-SHARPS, Sarah (2013), *Halve the Gap by 2030: Youth Disconnection in America's cities. Measure of America of Social Science Research Council*. Washington DC, Congressional Research Service. <https://measureofamerica.org/wp-content/uploads/2013/10/MOA-Halve-the-Gap-ALL-10.25.13.pdf>
- LINDERMANN, Danielle J. (2015), *Gender and Numeracy Skill Use: Cross-National Revelations from PIAAC*. Virginia, American Institutes for Research.
- LOCKARD, C. Brett (2012), *Occupational Employment Projections to 2020*. Bureau of Labor Statistics. <https://www.bls.gov/opub/mlr/2012/01/art5full.pdf>
<https://ion.workforcegps.org/sitecore/content/sites/strategies/resources/2015/11/24/19/31/Gender-and-Numeracy-Skill-Use-Cross-National-Revelations-from-PIAAC?p=1>
- LYNN, Barry; SITARAMAN, Ganesh (comunicação oral, 6 de abril de 2017), “Economic Equality and the Constitution”, National Constitution Center. <https://constitutioncenter.org/blog/video-economic-equality-and-the-constitution>.
- MASSEY, Douglas S.; TANNEN, Jonathan (2016), “Segregation, Race, and the Social Worlds of Rich and Poor”. In Irwin Kirsch & Henry Braun (Eds.), *The Dynamics of Opportunity in America: Evidence and Perspectives*, 13-33. Berlin, Springer. https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-25991-8_2
- MCNICHOL, Elizabeth; HALL, Douglas; COOPER, David Cooper; PALACIOS, Vincent (2012), *Pulling Apart: A State-by-State Analysis of Income Trends*. Center on Budget and Policy Priorities and Economic Policy Institute. <https://www.epi.org/publication/pulling-apart-2012/>
- NATIONAL RESEARCH COUNCIL (2014), *Civic Engagement and Social Cohesion: Measuring Dimensions of Social Capital to Inform Policy*. <https://doi.org/10.17226/18831>
- OECD (2015), *In It Together: Why Less Inequality Benefits All*. Paris, OECD Publishing. <http://dx.doi.org/10.1787/9789264235120-en>.

- SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), “Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.”, *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175
- OECD (2013), *OECD Skills Outlook 2013: First Results from the Survey of Adult Skills*, Paris, OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/9789264204256-en>
- OECD (2013), *Time for the U.S. to Reskill?: What the Survey of Adult Skills Says*, Paris, OECD Publishing. <http://dx.doi.org/10.1787/9789264204904-en>
- ORFIELD, Gary; KUCSERA, John; SIEGEL-HAWEL, Genevieve (2012), *E Pluribus ... Separation: Deepening Double Segregation for More Students*, UCLA, The Civil Rights Project. <https://civilrightsproject.ucla.edu/research/k-12-education/integration-and-diversity/mlk-national/e-pluribus...separation-deepening-double-segregation-for-more-students>
- PEW RESEARCH CENTER (2014), “Millennials in Adulthood: Detached from Institutions, Networked with Friend”, *Pew Research Center*. <http://www.pewsocialtrends.org/2014/03/07/millennials-in-adulthood/>.
- PFEFFER, Fabian T.; KILLEWALD, Alexandra (2017), “Generations of Advantage. Multigenerational Correlations in Wealth from a Life-Course Perspective”, *Social Forces*, 96(4), 1411-1442. <https://doi.org/10.1093/sf/sox086>
- PREWITT, Kenneth; MACKIE, Christopher; DHABERMANN, Hermann (Eds.) (2014), *Panel on Measuring Social and Civic Engagement and Social Cohesion in Surveys*, Committee on National Statistics, Division of Behavioral and Social Sciences and Education, Washington DC, National Academies Press. <https://www.nap.edu/read/18831/chapter/1#viii>.
- PUTNAM, Robert D. (2016), *Our Kids: The American Dream in Crisis*. Nova Iorque, Simon and Schuster.
- REARDON, Sean F.; KALOGRIDES, Demetra; SHORE, Kenneth (2018), *The Geography of Racial/Ethnic Test Score Gaps* (CEPA Working Paper No. 16-10), Stanford Center for Education Policy. <https://vtechworks.lib.vt.edu/server/api/core/bitstreams/6d50288b-75c0-443b-8283-8cc12a95d1ba/content>
- REARDON, Sean F. (2011), “The Widening Academic Achievement Gap between the Rich and the Poor: New Evidence and Possible Explanations” In Russel Sage Foundation (Org.), *Whither Opportunity? Rising Inequality, Schools, and Children's Life Chance*, Nova Iorque, Russell Sage Foundation, 91-116.
- ROTHSTEIN, Richard (2017), *The Color of Law: A Forgotten History of How Our Government Segregated America*, Nova Iorque, Liveright.
- RUMBERGER, R.W.; LIM, S.A. (2008), *Why Students Drop Out: A Review of 25 Years of Research*, California Dropout Research Project. <http://dx.doi.org/10.4159/harvard.9780674063167>

- SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), “Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.”, *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175
- SABATINI, John (2009), *Basic Reading Skills and the Literacy of America’s Least Literate Adults: Results from the 2003 National Assessment of Adult Literacy (NAAL)*. Institute of Education Sciences, National Center for Education Statistics. <https://nces.ed.gov/pubs2009/2009481.pdf>
- SABATINI, John (2015), *Understanding the Basic Reading Skills of U.S. Adults: Reading Components in the PIAAC Literacy Survey*, Educational Testing Service. <https://www.ets.org/s/research/report/reading-skills/ets-adult-reading-skills-2015.pdf>.
- SCOTT-CLAYTON, Judith & LI, Jing (2016), *Black-White Disparity in Student Loan Debt More than Triples after Graduation*, Brookings Institution.
- SITARAMAN, Ganesh (2017), *The Crisis of the Middle-Class Constitution: Why Economic Inequality Threatens our Republic*. Nova Iorque, Alfred A. Knopf.
- SMEEDING, Timothy M. (2016), “Gates, Gaps, and Intergenerational Mobility: The Importance of an Even Start”. In Irwin Kirsch & Henry Braun (Eds.), *The Dynamics of Opportunity in America: Evidence and Perspectives*, 255-295. Berlim, Springer. <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-319-25991-8>
- SMIALEK, Jeanna (2017), *Young White America Is Haunted by a Crisis of Despair*. Londres, Bloomberg. <https://www.bloomberg.com/news/features/2017-04-18/young-white-america-is-haunted-by-a-crisis-of-despair>
- STANFORD CENTER ON POVERTY AND INEQUALITY (2015), *State of the Union: The Poverty and Inequality Report, special issue, Pathways; Opportunity, Responsibility, and Security: A Consensus Plan for Reducing Poverty and Restoring the American Dream*, AEI/Brookings. <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2015/12/full-report.pdf>
- STRANGER-ROSS, Jordan, COLLINS, Christina, & Mark J. Stern (2005), *Falling Far from the Tree: Transitions to Adulthood and the Social History of Twentieth-Century America*, *Social Science History*, 29(4), 625-648. <https://doi.org/10.1017/S014555320001333X>
- THOMAS, Jacqueline Rabe (2016), “What Does a High School Diploma Prove?”, *CT Mirror*. <https://ctmirror.org/2016/12/13/troubled-schools-on-trial-what-does-a-high-school-diploma-prove/>
- U.S. ACCOUNTABILITY OFFICE (2016). *Better Use of Information Could Help Agencies Identify Disparities and Address Racial Discrimination (GAO-16-345)*. US Government Printing Office.
- U.S. DEPARTMENT OF EDUCATION, OFFICE OF CAREER, TECHNICAL, AND ADULT EDUCATION (2015). *Making Skills Everyone's Business: A Call to Transform Adult Learning in the United States*, Nova Iorque, Author. <https://www2.ed.gov/about/offices/list/ovae/pi/AdultEd/making-skills-summary.pdf>
- WILKINSON, Richard; PICKETT, Kate (2010), *The Spirit Level: Why Equality is Better for Everyone*, Londres, Penguin.

SANDS, Anita M.; GOODMAN, Madeline (2023), “Grande demais para falhar: a geração *Millennial* nas margens.”, *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLVI, pp. 119 - 175

WINEBURG, Sam; MCGREW, Sarah (2016), “Why Students Can't Google Their Way to Truth”, *Education Week*. <https://www.edweek.org/teaching-learning/opinion-why-students-cant-google-their-way-to-the-truth/2016/11>

WLODKOWSKI, Raymond J.; GINSBERG, Margery B. (2010), *Teaching Intensive and Accelerated Courses: Instruction that Motivates Learning*, Nova Iorque, John Wiley and Sons.

Anexos

Anexo A: Dados detalhados [As tabelas podem ser consultadas no artigo original, disponível em <https://www.ets.org/Media/Research/pdf/TooBigToFail.pdf>]

Anexo B: Níveis de proficiência do PIAAC⁹¹ [As informações podem ser consultadas no artigo original, disponível em <https://www.ets.org/Media/Research/pdf/TooBigToFail.pdf>]

Anita M. Sands (autor para correspondência). *Lead Policy Research Analyst/Author* no ETS – Educational Testing Service, EUA. Educational Testing Service, 660 Rosedale Road, Princeton, NJ 08541-0001, USA. E-mail: asands@ets.org.

Madeline Goodman. *Lead Researcher/Author* no ETS – Educational Testing Service, EUA. Educational Testing Service, 660 Rosedale Road, Princeton, NJ 08541-0001, USA. E-mail: mgoodman@ets.org.

⁹¹ As informações sobre os procedimentos utilizados para estabelecer os níveis de desempenho estão disponíveis no *Technical Report of the Survey of Adult Skills* (PIAAC) (Paris: OECD Publishing, 2013). Ver também *OECD Skills Outlook 2013*.